

Como ensinar os meus Filhos a Poupar

3 PASSOS PARA MELHORAR A RELAÇÃO
DO SEU FILHO COM O DINHEIRO



Mafalda Morais Barbosa
João Morais Barbosa

Título

Como Ensinar os Meus Filhos a Poupar

Autores

Mafalda Morais Barbosa

João Morais Barbosa

Edição e copyright

Cascais, 1.ª edição

© 2018 Mafalda Morais Barbosa e João Morais Barbosa

ISBN: 978-989-20-8631-6

Como ensinar os meus Filhos a Poupar

**3 PASSOS PARA MELHORAR A RELAÇÃO
DO SEU FILHO COM O DINHEIRO**

Mafalda Morais Barbosa
João Morais Barbosa

Introdução



A Gestão do Dinheiro e a Gestão dos Afetos

A gestão do dinheiro revela sempre a gestão dos afetos e, daí, a importância de ajudarmos os nossos filhos a lidar com o dinheiro e a manter as finanças pessoais equilibradas.

A descoberta científica de que a gestão do dinheiro reflete a gestão dos afetos já tem algumas décadas, mas nem por isso os cientistas comportamentais têm sido eficazes na comunicação de uma verdade radical que importa conhecer. Talvez esta questão se pudesse resumir adaptando uma lenda máxima desta forma: «diz-me como gastas o teu dinheiro, dir-te-ei quem és!».

Na verdade, trata-se de saber como gastamos ou poupamos o nosso dinheiro, mas também de aprofundar o conhecimento próprio, de forma a ficarmos mais conscientes sobre nós mesmos, pois se a maneira como lidamos com o dinheiro está diretamente

ligada com a forma como lidamos com as emoções e os sentimentos, então vale a pena saber quem somos.

Associamos instintivamente traços de carácter à gestão do dinheiro e catalogamos as pessoas segundo a sua generosidade ou avareza, e isso diz-nos que sabemos há muito tempo aquilo que os cientistas comportamentais «descobriram» ou vieram sublinhar com a sua investigação.

Laurinda Alves

Escritora e jornalista

O livro que tem em mãos é mais um contributo para potenciarmos a educação financeira das famílias. Acreditamos quem é possível mudar comportamentos mas temos a perfeita consciência de que a educação das crianças é uma tarefa demorada.

Uma tarefa nobre que envolve persistência, trabalho, consistência e muito carinho e amor.

Quem educa sabe que pode ser ingrato. Que ouvimos muitos não. Que temos de ser firmes quanto o nosso lado mais sentimental grita por fazer a vontade. Seja porque não resistimos aos beicinhos dos filhos ou porque queremos que o choro e as birras acabem.

Quem educa sabe também que os sentimentos de ingratidão são rapidamente substituídos por sentimentos de grande orgulho. É tão bom assistir ao desenvolvimento das crianças e vê-las a transformarem-se em pessoas mais sólidas. É tão bom contribuir para a sua felicidade que passa imediata e diretamente por as ajudarmos a serem melhores pessoas.

Um Pai quer a perfeição do seu filho. Comete erros e tenta corrigi-los. Ensina e aprende num processo que não tem fim. Somos Pais até ao final das nossas vidas e as preocupações vão durar toda a vida.

Nos dias que correm, ser Pai é um desafio imenso por inúmeros motivos. Neste livro escrevemos-lhe sobre os desafios que é educar financeiramente as crianças. E é um desafio por fatores internos mas fundamentalmente por fatores que emanam do nosso modelo de sociedade. Parece que os valores estão todos trocados e que as famílias perderam o norte. Queremos acreditar que não é assim. E queremos contribuir para a reflexão num tema que está na base da vida, não porque o dinheiro é o fim em si mas antes porque mexe com um sem número de sentimentos que obrigam a uma reflexão profunda.

Acreditamos que o dinheiro serve um propósito e que é nossa tarefa ajudar os nossos filhos (e já agora, vivê-lo e ser coerentes) a gerir o seu dinheiro de forma responsável. A lidar com o dinheiro tendo sempre em consideração que o nosso fim último é muito maior do que simplesmente aproveitar a vida ao máximo sem ter em conta as consequências dessa postura.

É tão bom viver. É tão bom ter filhos. Não queremos deixar de agradecer todos os dias a vida dos nossos cinco filhos que nos ensinam todos os dias aquilo que realmente importa. Aquilo de que mais nos orgulharemos no final das nossas vidas. Que o mais importante é toda a união familiar e todos os momentos que passámos juntos. Porque amigos há muitos (será?) mas família há só uma.

Mafalda e João

Formar e Informar







A Educação Financeira e os Valores Humanos

Todos reconhecemos o valor da educação financeira na construção do futuro financeiro das nossas crianças e jovens, reconhecendo que é fundamental ter presente um conjunto de princípios que contribua para uma sociedade mais justa e estruturada.

Apesar desta realidade, as nossas escolhas financeiras são muitas vezes influenciadas por expectativas erradas, por impulsos e esquecendo que vivemos num mundo de dualidades, onde existe o pobre e o rico, o bom e o mau, o positivo e o negativo, o poupar e o gastar ou o ganhar e o perder.

Sejamos responsáveis pelas nossas crianças e os nossos jovens. Façamos com que entendam que os seus futuros financeiros dependem das suas escolhas e decisões. Façamos diferente, educando, solidificando os valores da vida e incentivando-os a viver sobre esse valores.

Sejamos incansáveis na transmissão dos princípios fundamentais da educação financeira e na explicação do impacto direto destes nos seus futuros financeiros.

Façamos com que entendam que qualquer decisão financeira que tomem deverá corresponder a algo que valorizam, como por exemplo planear a educação porque irá fortalecer o futuro profissional, planear a compra de casa porque valorizam a família, etc.

João Bastos

O livro que tem em mãos começou a ser escrito numa época em que Portugal passava por um período muito conturbado. Escrevemos o livro a pensar na situação de crise económica que atravessávamos e com a consciência de que essa crise sucedeu (e sucede) a uma crise de valores humanos muito mais profunda. Se não conseguirmos mudar mentalidades torna-se difícil mudar comportamentos na sua raiz, reincidindo nos problemas (já voltaremos a este tema).

Acreditamos ser fundamental uma reflexão sobre a origem e os resultados da crise económica e financeira. Não nos vamos deter sobre isso na medida em que já muito foi escrito sobre a origem, os intervenientes e os problemas daí resultantes.

Alertamos apenas para o facto de ser fundamental que qualquer adulto tente perceber a realidade que o envolve e o afeta direta e diariamente, de modo a retirar ilações. Queremos acreditar que assim percebemos que é fundamental uma mudança de comportamento individual.

Quando falamos da mudança de comportamentos somos logo confrontados com algo preocupante. Tendemos a culpabilizar os outros pelos nossos problemas. A culpa é do Estado, é dos Bancos, é dos tribunais ou é da fraca qualidade do sistema de ensino.

Os outros são os responsáveis pelos problemas do país e, já agora, pelos nossos problemas. É natural que existirão diversos responsáveis, cada qual na sua medida, pelos problemas que atravessamos. Não conseguindo promover uma alteração na sociedade como um todo, podemos sim alterar os comportamentos na nossa esfera pessoal e familiar.

É sobre esta alteração de comportamentos individuais que nos debruçamos nas próximas páginas. Todos os indivíduos têm a capacidade de influenciar o seu meio envolvente.

Podem promover a reflexão e o debate, que são fatores de alterações comportamentais. Podem promover alterações mais ou menos violentas na sua forma de atuação e com isso contribuir, com maior ou menor impacto, para a sociedade como um todo.

Em última análise, procuramos que seja claro que a alteração cultural de que o país necessita só é possível pela alteração de mentalidades dos indivíduos, de forma singular. Façamos o que está ao nosso alcance (a mais não somos obrigados). Resta-nos a esperança e a crença de que os outros farão a sua parte.

Sendo verdade que um indivíduo tem impacto no meio que o rodeia, maior verdade se torna quando falamos da relação de maternidade ou de paternidade. O nosso papel de pais será um contributo precioso e insubstituível na formação de consciências e de seres humanos mais responsáveis.

Um alerta importante que é intemporal. Não vale a pena tentarmos ocultar todos os problemas dos nossos filhos.

Naturalmente que é tarefa de um pai proteger o seu filho de notícias ou acontecimentos cujo conhecimento em nada contribui para o seu desenvolvimento. No entanto, não podemos negar que esta crise tem um conjunto extenso de impactos nas famílias, os quais podem ser minorados com o contributo de todos, cada qual agindo de acordo com as suas capacidades.

É escusado provocar o pânico e gerar insegurança. O seu papel de pai é ser o «porto seguro» dos seus filhos, valorizando o que realmente importa valorizar. Contudo, por que não aproveitar os diversos assuntos e acontecimentos do quotidiano para transmitir conhecimentos? Pode falar com os seus filhos dos assuntos referidos neste capítulo ou de outros que forem surgindo com naturalidade no seio familiar (ao ver televisão, surgem facilmente temas a discutir). Faça-o com naturalidade e adequando a complexidade e a profundidade de análise ao estágio de desenvolvimento do seu filho. Em última análise, poderão ser necessárias alterações de comportamentos e de rotinas em casa, sendo o esforço tanto menor quanto maior for o envolvimento de todos na prossecução dos objetivos familiares.

PROMOVENDO A TOMADA DE OPÇÕES

A partir da discussão anterior, a necessidade de alteração de comportamentos fica clara. Deseja-se a promoção de um consumo mais responsável e adequado às possibilidades das famílias. Mas como preparar o seu filho para estes desafios?

Não existem fórmulas mágicas. Como verá nos próximos capítulos, existem muitas variáveis a ter em consideração no contexto da educação financeira do seu filho. Neste momento, queremos deter-nos na transmissão dos conceitos básicos inerentes à construção do orçamento familiar. Contudo, focaremos apenas as formas de transmitir os conceitos ao seu filho. Começamos pela principal ferramenta de decisão financeira das famílias: o orçamento familiar.

O QUE É E PARA QUE SERVE UM ORÇAMENTO FAMILIAR

O orçamento familiar é uma ferramenta que serve para planejar os gastos de acordo com os rendimentos. Uma vez que o dinheiro é um recurso escasso, é importante que a sua utilização seja bem planeada. Através de um orçamento familiar é possível também planejar a poupança e definir alguns objetivos para o futuro.

O tema da gestão do dinheiro e do orçamento familiar é um tópico muito pouco popular. Se, por um lado, todos são especialistas em finanças pessoais, por outro lado poucas pessoas aceitam que alguém diga que gastam dinheiro a mais ou que não sabem como gerir as suas finanças.

Logo por aqui, este tema tem uma conotação tão ingrata e impopular. Fazer um planeamento orçamental permite, acima de tudo, clarificar as duas coisas mais importantes do seu orçamento familiar:

1. Os seus ganhos, provenientes do seu esforço laboral ou de outras fontes de rendimento;
2. Os seus gastos, resultantes do seu estilo de vida e das suas necessidades a vários níveis.

Ao elaborar um orçamento familiar, é necessário criar regras, eliminar excessos e acompanhar todas as estratégias e objetivos financeiros.

Por norma, ao falarmos do orçamento familiar nas nossas formações, percebemos que a generalidade dos adultos não o faz por um conjunto de motivos:

- **Fraca perceção da sua utilidade:** muitas pessoas têm a perceção que construir um orçamento familiar pode ser uma tarefa muito complexa, levando a que o rejeitam à partida;
- **Dificuldade concetual na construção:** Devido ao mito da complexidade que envolve o orçamento familiar, muitas pessoas desistem de começar a sua construção;

- **Pouca (se alguma) atratividade na construção:**

Aliando esta percepção errada a uma falsa dificuldade, muitas pessoas consideram esta ferramenta muito pouco atrativa.

De fato, se um conceito tão importante para a vida adulta é muitas vezes ignorado ou deixado para segundo plano pela generalidade das pessoas (felizmente, esta percepção está a ser alterada) como podemos querer que as nossas crianças criem o hábito de o assumir? Ou como transmitir a sua importância se os pais não a sentem realmente?

Diz-nos a experiência que, para reter a atenção das crianças, temos de as cativar com algum argumento interessante ou divertido. Podemos utilizar situações tão diversas como o planeamento de um jantar, de uma viagem ou simplesmente de uma ida à gelataria da esquina. Naturalmente que a complexidade deverá aumentar com a maturidade da criança.

O ORÇAMENTO PARA CRIANÇAS A PARTIR DOS CINCO/SEIS ANOS

Quem é pai percebe que as crianças até aos cinco ou seis anos, salvo algumas exceções, têm um conjunto muito restrito de preocupações. Gostam das suas brincadeiras de crianças, com as suas bonecas, espadas, pistolas e bolas de futebol. Vivem absorvidos no seu mundo de fantasia e estão pouco ou nada conscientes da necessidade de pensar no futuro.

O confronto com os pais acaba por ser constante pois tentamos inculcar-lhe noções de responsabilidade que são ignoradas.

Porque as suas preocupações são outras. Mas nesta fase devemos começar a introduzir alguns conceitos mais básicos que envolvam o dinheiro – nomeadamente o nome das moedas e das notas, a sua escassez ou falta de dinheiro, a necessidade de poupar para comprar alguma coisa mais cara.

De pouco vale tentar introduzir conceitos mais complexos sobre previsão do futuro. É mais importante começar no básico, envolver os filhos e ir lançando as bases para conceitos mais complexos a prazo.

Dito isto, sugerimos que foque a sua atenção em situações muito simples e concretas. Por exemplo, aproveite a expectativa da ida a uma gelataria ou à pastelaria para introduzir a necessidade de escolha entre vários produtos. Falando sobre as expectativas de consumo do seu filho, ajude-o a decidir com base nos seus gostos e numa restrição orçamental. Sugestões de atividades para crianças nesta idade:

1 Semanada: Atribua uma semana de um euro por semana. Pode dividir esse valor em moedas de 10 cêntimos para facilitar a transmissão da quantidade e do valor do dinheiro ao seu filho;

2 Mealheiro: De modo a estimular a poupança, ofereça ao seu filho um mealheiro transparente ou outro que contabilize as moedas digitalmente por forma a que adquira a noção dos seus ganhos;

3 Poupar para...: Estipule objetivos de poupança com o seu filho, como por exemplo comprar um determinado brinquedo. No entanto, tenha atenção ao valor do objeto que vai adquirir garantindo que não é demasiado caro para não desmotivar o seu filho;

4 Escolhas: Ajude e conduza o seu filho em processos de escolha de consumo, permitindo que o mesmo tenha noção que os bens não têm todos o mesmo valor e que implicam esforços financeiros diferentes. Estipulando um gasto máximo de um ou dois euros, pode guiá-lo no processo de escolha. Qual o gelado que quer? Ou será que prefere um bolo e um sumo? Poderá ser o seu filho a decidir, respeitando o orçamento estipulado inicialmente.

O ORÇAMENTO PARA CRIANÇAS A PARTIR DOS DEZ ANOS

A partir dos dez anos, torna-se mais fácil transmitir um conjunto mais alargado de variáveis a considerar no processo de decisão. Na realidade, podemos inclusivamente incentivar a participação da criança em pequenas tarefas do orçamento doméstico. Já existe maturidade para perceber que as demoras no banho têm implicações ao nível do custo da água e do gás e que o desperdício de comida é semelhante a mandar dinheiro para o lixo.

Sugerimos que procure fazer o paralelismo entre o consumo e o gasto financeiro que lhe está associado. Por exemplo, considere o consumo de eletricidade ou as despesas na cantina da escola e mostre que comportamentos que não exigem muito esforço, tais como apagar a luz ou levar o lanche para a escola, têm impactos ao nível orçamental. Dê exemplos práticos, adequados à sua realidade e à do seu filho. Nesta fase, torna-se também possível recorrer à ajuda do seu filho para a escolha dos produtos mais baratos no supermercado.

Sugestões de atividades para crianças desta idade:

1 Semanada ou mesada: continue a atribuir uma semanada ao seu filho, podendo aumentar o valor que atribui. Dependendo da maturidade de gestão financeira do seu filho, pode passar a dar uma mesada;

2. Três mealheiros: desafie o seu filho a ter três mealheiros com objetivos diferentes: um para poupar, outro para gastar e um terceiro para doar;

3. Supermercado: se levar o seu filho às compras, envolva-o no processo de escolha dos produtos por forma a privilegiar a poupança, mas sem sacrificar a qualidade de cada produto. Incentive-o a comparar o preço dos produtos entre marcas, tendo em conta o preço por quilo/ unidade e o peso do produto. Vá dando as explicações necessárias ao longo deste processo;

4. Empreendedorismo: incentive o seu filho a ser dinâmico e apoie iniciativas empreendedoras tais como:

- a. Vendas de garagem com livros, brinquedos ou outros objetos em bom estado que já não estejam a ser utilizados;
- b. Comprar gomas ou rebuçados com o próprio dinheiro e revender (com uma margem razoável, nada de absurdo);
- c. Fazer pulseiras, banca de limonadas ou bolos.

OS CONCURSOS DE POUPANÇA PODEM SER INTERESSANTES

Reúna as duas ou três últimas faturas de serviços de gás, luz, água, telecomunicações ou outros serviços. Se, após uma análise cuidada, perceber que há espaço para a poupança, peça aos seus filhos para analisarem a fatura consigo tendo em consideração os campos em que é possível poupar.

Depois de uma análise cuidada e de uma reflexão sobre os campos em que é possível cortar custos, possibilitará um incentivo a economizar. Rapidamente poderão estar mais atentos quando as luzes ficam acesas, tomando banhos menos demorados, usando menos os dados móveis do telemóvel e outras tantas medidas eficazes. Determine com o seu filho um plano de distribuição justa do valor que conseguir poupar: pode ser 100% ou uma percentagem razoável (nunca menos de 50%) do valor poupado relativamente à fatura do mês anterior. Se tiver vários filhos, pode distribuir as faturas dos diferentes serviços.

O ORÇAMENTO PARA CRIANÇAS A PARTIR DOS QUINZE ANOS

A partir dos catorze/quinze anos, já se torna possível transmitir a generalidade dos conceitos inerentes ao orçamento familiar, não apenas no que diz respeito às despesas mas também – e mais importante – ao nível das receitas.

De fato, nas idades mais jovens, o conceito de necessidade de rendimento acaba por ser relegado para um segundo plano. Naturalmente, é essencial transmitir em qualquer fase que o dinheiro custa a ganhar e que temos de trabalhar arduamente para o merecermos. Contudo, esta é uma realidade mais abstrata e menos palpável para os mais novos, porque está algo distante do seu universo mais próximo.

A partir de certa idade, o conceito de rendimento começa a assumir-se como algo de maior relevo, especialmente quando as necessidades de consumo aumentam. É comum os nossos jovens começarem à procura de oportunidades para obter um rendimento através de trabalhos de verão, tarefas domésticas ou outras atividades (lembramo-nos de alguns jovens que vendiam gomas e cromos na escola, para dar um exemplo). Esta procura deve ser incentivada pelos pais, procurando eventualmente alertar para a importância de uma postura de empreendedorismo (algo que está a ser desenvolvido em projetos como o *Junior Achievement*).

É também nesta fase que começa a pensar-se mais na carreira que se deseja e na importância do percurso escolar para atingirla mesma, embora com muito enfoque no rendimento potencial associado a essa ocupação. Aprofundaremos o tema da carreira dos filhos mais adiante.

Para tornar esta realidade mais palpável, sugerimos que envolva o seu filho na preparação e na orçamentação de algum evento especial, por exemplo a sua festa de anos. Será necessário apoiá-lo na definição das várias despesas a assumir, tais como o espaço, a alimentação, a animação, entre outros.

Numa primeira fase, dê-lhe liberdade para idealizar a festa sem qualquer restrição. Numa segunda, introduzindo uma restrição orçamental, determinará a que tenha de tomar opções.

É muito importante que ele perceba as suas motivações e razões. Ajude-o a formular a sua argumentação. Verá que está a desenvolver não só competências de orçamentação mas também de exposição de ideias.

Sugestões de atividades para jovens desta idade:

- **Mesada:** continue a atribuir uma mesada fixa com o seu filho, considerando as necessidades reais do seu filho. Tenha em atenção os extras (saídas à noite, cinemas, entre outros). Lembre-se que o objetivo principal é ajudá-lo a gerir da melhor forma as suas finanças como valor previamente fixado.
- **Trabalhos pontuais:** incentive o seu filho a prestar serviços pontuais tais como babysitting, trabalhos nas férias de verão ou outros que se enquadrem nestas características. Assim, não só estará a criar hábitos de trabalho, como compreenderá muito melhor o esforço associado ao ganho de um salário.
- **Telemóvel:** caso o seu filho tenha facturas de telemóvel acima do que é expectável, proponha que pague uma percentagem razoável do valor da fatura, ou mesmo o excedente do que foi estipulado inicialmente.
- **Compras:** estimule o seu filho a comprar os produtos da sua preferência com as suas próprias poupanças.

O ORÇAMENTO EM SINTONIA COM TODOS

Tal como temos vindo a demonstrar, o orçamento é uma ferramenta muito importante para as finanças familiares.

Como tal, e para que funcione da melhor forma, tem de respeitar uma condição prévia: que todos os elementos que a levem a cabo estejam em sintonia uns com os outros (ou pelo menos que exista uma liderança justa e eficaz).

Tal como nas relações familiares ou mesmo sociais, quando os membros da família não estão todos de acordo, ocorrem roturas e divergências. Logo, a execução do orçamento e o seu sucesso ficam, à partida, comprometidos.

Quer estejamos a falar de dinheiro ou de outro assunto familiar, importa referir que é importante que os pais tenham a noção clara de que devem evitar discutir à frente dos filhos. É fulcral que os pais passem uma mensagem de união entre os dois, deixando as discussões e as arestas por limar para o foro privado. Podem também optar por falar previamente para garantir que existe um alinhamento perfeito entre os dois. Sendo impossível, um dos pais terá de fazer uma cedência ou desviar a conversa para um assunto menos polémico, deixando a discussão para debate futuro, em casal.

DEFINA UM DIA DE DIÁLOGO SOBRE O ORÇAMENTO

No que respeita especificamente ao orçamento, independentemente da idade dos seus filhos, sugerimos que defina à partida um dia específico para a discussão do mesmo em família. Mesmo que o seu filho não tenha a maturidade para participar nas reuniões familiares para discussão do orçamento ou das despesas do mês, deverá estar consciente de que os pais e os irmãos mais velhos (caso existam) têm esta preocupação. Mais uma vez, conseguimos reforçar com este hábito a importância desta temática nas nossas vidas. O foco deve ser colocado no diálogo e no debate, evitando-se assim o risco de atribuir ao dinheiro uma importância maior do que aquela que realmente tem.

Em suma:

- 1.** É mais fácil influenciar o comportamento individual e familiar do que mudar o país ou o mundo. Revela-se fundamental começar a promover o diálogo e a educação em casa, tendo em vista um novo conceito de sustentabilidade;
- 2.** Os pais são o «porto seguro» dos seus filhos e devem alertá-los para os perigos e os desafios da sociedade de consumo que temos atualmente, aproveitando as situações do dia-a-dia para educá-los na prática;
- 3.** O orçamento familiar pode e deve começar a ser introduzido nas conversas e nas dinâmicas familiares, assumindo que é sempre possível começar cedo a familiarizar o seu filho com os temas financeiros mais básicos.
- 4.** Muitos dos problemas que atravessamos poderiam ter sido minimizados ou mesmo evitados se tivéssemos outros níveis de consciência e de cultura financeira..



Os Perigos da Iliteracia Financeira

O QUE APRENDI E O QUE ENSINO

Posso resumir os três principais ensinamentos dos meus pais sobre dinheiro como:

- 1.** O dinheiro exige trabalho e esforço, não cai do céu nem das caixas multibanco;
- 2.** É muito importante poupar;
- 3.** Devemos evitar excessos de endividamento

Tendo crescido com estes ensinamentos, procuro que as minhas filhas interiorizem e vivam convictas de que é importante ter prazer com o dia-a-dia e usufruir ao máximo das pequenas coisas que a vida nos dá, cientes de que nada se consegue sem esforço. Assim, é fundamental a combinação entre o lazer e o trabalho.

Para explicar a importância da poupança, procuro:

1. Falar regularmente sobre a poupança e dar o exemplo (fazê-lo na prática);
2. Responsabilizá-las pela gestão das respetivas mesadas;
3. Dar-lhes exemplos concretos de que a poupança permite enfrentar situações imprevistas com uma maior tranquilidade.

Raul Marques

A crise por que Portugal passou há não muito tempo tem gerado um consenso cada vez maior em torno da necessidade de uma melhor formação financeira, tanto de adultos como de jovens. Em nosso entender, apesar desta constatação e apesar de alguns esforços de formação, poucos progressos têm sido alcançados.

Como é sabido, o estado atual de Portugal e do mundo têm impactos profundos na forma como encaramos o nosso futuro. Por um lado, naturalmente que a nossa realidade nos preocupa. Estamos cada vez mais conscientes dos grandes sacrifícios que nos serão exigidos no futuro. Por outro, contudo, temos de aproveitar os desafios e as oportunidades criados pela crise para desenvolver transformações profundas na nossa forma de atuar. É certo que os paradigmas do passado estão completamente ultrapassados. Assim, devemos evitar ser também nós ultrapassados.

No que à crise diz respeito, gostamos de recordar uma frase de uma pessoa que muito estimamos:

«Podemos olhar para as crises como quem olha para uma caixa de lenços de papel. Podemos ser quem compra os lenços para chorar, ou podemos optar por ser quem vende os lenços e com isso retirar dividendos»

Na génese dos nossos programas de formação, como em tudo o que fazemos na vida, está uma postura claramente otimista. Acreditamos que a formação é fundamental para se tomar decisões informadas. Por isso, somos da opinião de que devemos começar a formar as nossas crianças e os nossos jovens não só na temática financeira mas também no reforço continuado de um conjunto de valores humanos fundamentais a uma vida regrada. Costumamos lembrar que, se muitos destes conhecimentos tivessem sido transmitidos à generalidade das pessoas na sua infância, possivelmente não estaríamos a atravessar problemas financeiros tão severos como os atuais.

Uma formação financeira rigorosa e séria permitirá que os nossos futuros adultos sejam capazes de tomar opções financeiras adequadas às suas necessidades, interesses e objetivos, o que contribuirá em muito para o progresso e para a estabilidade do nosso país. Mesmo em termos profissionais, a formação financeira (em casa e nas escolas) possibilitará uma maior sensibilidade para a tomada de opções, o que contribuirá para o aumento da produtividade e da rentabilidade das nossas empresas. Em poucas palavras, estaremos a dar um contributo fundamental para a transmissão de novos conceitos de sustentabilidade.

Por outro lado, deparamo-nos atualmente com inúmeros desafios de consumo. Tantos que muitas vezes nem nos apercebemos da sua amplitude e impacto. Vivemos numa altura em que existe uma variedade cada vez maior de bens e serviços, muita concorrência e uma grande agressividade no que toca aos preços baixos praticados ou à abundância de saldos que proliferam ao nível de todo o tipo de serviços.

Para além de todos os desafios com que nos deparamos a este nível, existe um outro que nos invade todos os dias: a publicidade e o marketing. As técnicas de marketing são muitas vezes subtis e têm por objetivo criar-nos necessidades e «empurrar-nos» a escolher determinado produto em detrimento de outros, e muitas vezes essa aquisição pode ser supérflua e desnecessária. Mesmo as pessoas menos permeáveis a estas campanhas precisam estar atentas.

No campo da sustentabilidade, convém não subestimar os desafios que todos atravessamos. O nosso esforço de educação é cada vez mais ameaçado pelo desenvolvimento destas técnicas de marketing especializadas em criar necessidades que, muitas vezes, não passam de luxos. Deste modo, é essencial a edificação de defesas destinadas a evitar o consumo supérfluo (ou consumismo), o qual é muitas vezes conseguido com recurso ao crédito. Para aprofundar os conceitos de consumo e de consumismo, sugerimos a leitura do quarto capítulo.

POR QUE É IMPORTANTE A EDUCAÇÃO FINANCEIRA DAS CRIANÇAS?

O conceito de dinheiro envolve sempre inúmeros sentimentos, por vezes contraditórios. Algumas pessoas lidam perfeitamente com o dinheiro, sabendo gerá-lo e geri-lo de forma habilidosa. Outras há que, ao não dominarem todas as variáveis, acabam por ter uma convivência pacífica com esta realidade. Infelizmente, uma terceira categoria de cidadãos acaba por se confrontar recorrentemente com problemas financeiros, mais ou menos sérios, originados por múltiplas razões, desde o desconhecimento até ao descontrolo.

Infelizmente, em Portugal ainda não percebemos que um conceito ou realidade tão importante nas nossas vidas e na nossa sociedade tem de ser uma matéria de estudo e de debate nas escolas. Aliás, basta perceber que o dinheiro e as relações comerciais e financeiras são um dos fundamentos do mundo contemporâneo para perceber a sua relevância. Embora evitando o erro de se dar demasiada importância a um instrumento, o estudo do dinheiro acabaria por contribuir muito para uma relação pacífica e para a criação de competências de gestão diária que nos teriam certamente evitado inúmeros problemas. Tão-pouco se deve esquecer que estes tópicos podem ser facilmente introduzidos através de jogos e em disciplinas como a Matemática, o Português ou a História.

Ao longo dos vários trabalhos de formação e consultoria financeira familiar que temos vindo a desenvolver, constatámos que uma das grandes causas de problemas financeiros familiares se prende com a ausência de diálogo. Infelizmente, fala-se pouco sobre dinheiro, o que acaba por originar problemas bastante sérios. Aliás, sabemos que um dos grandes motivos de divórcio se prende precisamente com questões financeiras.

Dada a sua importância, reforçamos um grande alerta: é urgente que comecemos a falar de dinheiro em casa. E, tratando-se de algo tão urgente e indispensável, é necessário definir previamente uma estratégia por forma a seguir este plano da melhor forma possível:

DIÁLOGO ENTRE MARIDO E MULHER

O marido e a mulher devem falar sobre dinheiro, procurando identificar as prioridades da família, que acabam por vir a ter implicações financeiras.

Falar sobre dinheiro não é o mesmo que falar sobre os problemas inerentes ao dinheiro ou à falta dele. Falar sobre dinheiro é algo bastante mais profundo. Todos compreendemos que homens e mulheres têm características, aspirações, papéis e formas de estar diferentes. Logo daí advém uma disparidade no que toca à forma como se vê o dinheiro e como o mesmo é instrumentalizado.

Não podemos cair no erro de generalizar e assumir que «as mulheres são esbanjadoras e os homens são poupados».

É importante saber porque é que uma mulher gasta mais no contexto da gestão da casa (pode ser a responsável pelas compras para alimentação, roupa, entre outros, o que só por si justificará o facto de ser mais «esbanjadora» por ter mais custos a cargo) e porque é que o homem está frequentemente mais preocupado com a poupança (poderá ter a cargo a função de controlar as finanças do casal e daí ter mais noção dos gastos globais da família). Como referido, trata-se de:

- Perceber as nossas prioridades, os nossos gostos, os nossos interesses;
- Organizar a nossa vida financeira familiar de modo a facilitar o entendimento entre o casal;
- Perceber qual o papel de cada um na família e não julgar à partida as atitudes do outro;
- Definir estratégias para atingir os objetivos da família (por exemplo, averiguar qual o melhor modo de fazer as despesas ou de processar a organização bancária).

INTRODUZIR O TEMA JUNTO DOS FILHOS

Depois de o casal falar sobre dinheiro, é crucial que comece a introduzir o tema junto dos seus filhos. Naturalmente que a abordagem deverá ter em conta a maturidade da criança. Contudo, deverá promover uma introdução gradual e o mais natural e informal possível do conceito de dinheiro, da sua importância e função nas nossas vidas. Como veremos adiante, importa falar, entre outros assuntos, sobre:

- A necessidade de tomar opções: cada produto tem um custo e, sendo o dinheiro um recurso escasso, não podemos obter tudo o que queremos. Ajudar no processo de escolha é essencial na transmissão dos conceitos financeiros às crianças.
- A definição de critérios para a atribuição de presentes: qualquer criança gosta e merece ter presentes. No entanto, há que ter critérios bem definidos ao atribuir presentes às crianças. Os presentes têm uma utilidade limitada no tempo, por isso importa ter em atenção dois fatores: que o preço do brinquedo não seja exagerado e a quantidade de brinquedos disponibilizados.
- A importância de poupar: importa introduzir este tema desde cedo aos seus filhos e mostrar que poupar é importante, já que é uma ferramenta muito útil que levará consigo para o resto da vida.
- A relevância do conceito de dinheiro nas nossas vidas: converse com os seus filhos e explique-lhes qual a importância do dinheiro para a vossa família, dando relevância ao facto de que o dinheiro é um meio e não um fim para consumir mais e mais.

AS CRIANÇAS TAMBÉM EDUCAM OS ADULTOS

Os temas financeiros podem ser aborrecidos ou potencialmente abstratos, mas importa realçar o genuíno interesse e curiosidade das crianças na aprendizagem de coisas novas. Sendo algo habitual, devemos aproveitar esta curiosidade para encetar um esforço pedagógico insistente, coerente e lógico. Este esforço poderá levar as próprias crianças a incutir certos comportamentos nos adultos, já que muitas vezes os adultos acabam por adquirir hábitos que são impulsionados pelas crianças.

Nunca deve esquecer que a repetição gera a criação de hábitos, pelo enraizamento de valores e pela formação da consciência individual. Isto acabará por repercutir-se na estruturação de uma consciência social sólida.

POR QUE É TÃO IMPORTANTE UMA CORRETA FORMAÇÃO FINANCEIRA DOS PAIS?

Sendo certo que cada pai sabe o que é melhor para o seu filho, algo que nunca colocaremos em causa, parece-nos evidente que tem de aprofundar os seus conhecimentos sobre este assunto (como em tudo na vida). Neste contexto, salientamos, com bastante agrado, o crescimento da consciência de que não dominamos o tema financeiro e o esforço desenvolvido no sentido de aprofundar conhecimentos (especialmente por parte de empresas nas suas políticas de responsabilidade social). Aparentemente complexo e com impactos imediatos no nosso dia-a-dia, o dinheiro é um tema que gera muita confusão e receio.

Cada vez é mais notória a falta de referências saudáveis nos nossos jovens. Muitos dos ídolos e referências das nossas crianças são cantores, atores ou jogadores de futebol, isto é, pessoas que se destacam por algum tipo de habilidade específica. No entanto, muitas vezes as suas competências sociais ou intelectuais nem sempre são o melhor exemplo.

Muitas vezes o problema começa com os exemplos de consumismo e a ausência de regras de muitos destes ídolos. Para além disto, pode-se estender a opiniões ou tomadas de posição mais controversas que um fã tende a seguir, de uma forma um tanto ou quanto desinformada, apenas pela credibilidade artística que aquela pessoa tem.

Por tudo isto, é sempre muito importante conversar muito com os nossos filhos, tentar perceber as suas convicções e ajuda-los no processo de escolha do que é importante e do que é essencial. No processo de educação – que nunca acaba – temos de ter a noção de que não somos perfeitos. Enquanto educadores, valorizamos como características essenciais o otimismo, a humildade e a paciência. Otimismo e confiança de que o esforço e o amor que colocamos nas nossas relações darão frutos, apesar dos desafios. Humildade, ao aprendermos com os erros e mostrarmos que não somos perfeitos, procurando sempre transmitir os resultados da nossa aprendizagem. Paciência e disponibilidade para orientar os nossos filhos e para compreendermos os seus erros, conscientes de que errar faz parte da nossa natureza.

Os pais são, regra geral, um dos principais ídolos dos seus filhos. São identificados como referências, sendo observados nos seus atos bons mas também nos maus. Assim, uma sólida formação a todos os níveis possibilitará que consigam ser melhores modelos e exemplos a imitar. E isso é válido tanto no campo dos valores humanos como no que se refere ao consumo, ao investimento, à sua relação com o dinheiro.

Finalmente, ao abordarmos estes temas, somos muitas vezes confrontados com problemas que surgem pelo desejo dos pais em satisfazer os pequenos luxos ou prazeres dos filhos. Este desejo está enraizado no sentimento dos pais que, com alguma frustração, se recordam das privações que sofreram no passado. Infelizmente, esta satisfação de luxos acontece muitas vezes com reduzido ou nenhum planeamento financeiro, o que não só é bastante perigoso mas acaba também por originar grandes desequilíbrios financeiros.

Não existe qualquer questão em relação aos pais compensarem os seus filhos – desde que feito com racionalidade. No entanto, se quiser mesmo dar algo inesquecível ao seu filho,

não lhe dê inúmeros bens materiais ou não tente entrar em conflito com eles só para serem «seus amigos». Antes, dê-lhe tempo, apoio e afeto incondicionais.

É certo que as referências de consumo têm vindo a alterar-se de forma significativa. Quem não se recorda do prazer que era poder beber um sumo no restaurante em alguma ocasião festiva? Hoje em dia, este prazer é algo banal. Naturalmente que não chamamos ao sumo um luxo, mas importa perceber que as necessidades que têm vindo a ser criadas têm impactos profundos. Se, no passado, as crianças sentiam a falta destes pequenos prazeres, atualmente sentem a falta dos seus pais, que estão atarefados a trabalhar e a «correr» atrás do salário.

A NECESSÁRIA INTERLIGAÇÃO ENTRE OS VÁRIOS AGENTES EDUCATIVOS

Sendo a pertinência da promoção da educação financeira junto dos mais jovens algo cada vez mais consensual, importa dedicar algum tempo à análise e interligação do papel dos vários intervenientes no processo educativo. É fundamental que exista uma linha orientadora coerente e perfeitamente alinhada em torno dos valores humanos que a família quer inculcar aos seus filhos, para que os mesmos fortaleçam o seu carácter e tenham uma conduta correta ao longo da sua vida. É necessário alinhar as dinâmicas dos pais, escolas/professores e restantes agentes educativos.

OS PAIS SÃO OS ATORES PRINCIPAIS

Os pais encabeçam a família e devem assumir as rédeas do processo educativo. Enquanto pais, têm um conjunto de valores humanos e de prioridades que consideram ser os mais adequados para passar aos seus filhos.

Apesar de ser fundamental o aprofundamento e a aprendizagem da ciência da educação, dos valores humanos e de aspetos afins a estes, temos desde cedo percebido o caminho que gostaríamos que os nossos filhos seguissem. Não estamos, contudo, a falar do caminho profissional. Aí defendemos claramente uma enorme liberdade de decisão para os jovens. Estamos sim a falar do caminho a percorrer enquanto indivíduos.

Infelizmente, por inúmeras circunstâncias e sem muita consciência das suas consequências reais, os pais têm cada vez mais delegado o seu papel de educadores às escolas, demitindo-se das suas responsabilidades enquanto educadores. Naturalmente que o resultado não pode ser animador: geram-se situações de solidão, de incompreensão e de revolta em muitos jovens.

Atentemos às circunstâncias que conduzem a estas situações:

Excessiva dedicação profissional – pela forma como está estruturada a sociedade atual, é cada vez mais notória a exigência profissional a que os trabalhadores estão sujeitos, ou seja, muitas horas de trabalho, ausências em viagens, entre outros. Na base desta exigência estão duas posturas que se aliam:

- As empresas, no seu esforço de maximização dos lucros, subdimensionaram as equipas e, conseqüentemente, aumentaram a carga de trabalho e a exigência aos seus trabalhadores;
- O desejo dos trabalhadores de aumentar os seus rendimentos e o seu protagonismo corporativo leva-os a trabalhar mais horas e com maior afinco.

Cansaço emocional – Fruto da elevada dedicação profissional, os pais/trabalhadores acabam por ficar emocional e fisicamente exaustos. Não só têm de trabalhar muitas horas como estão sujeitos a situações de elevado stress. Chegam a casa exaustos e sabem que, ao entrarem pela porta, têm de iniciar uma nova série de rotinas, muitas das vezes muito exigentes, que acabam por ser encaradas muitas vezes como trabalho. Este cansaço e esta falta de tempo para os próprios acabam por resultar num abandono dos filhos aos computadores, à internet, às playstations e aos televisores, perdendo-se um importante espaço de diálogo e de convívio familiar de qualidade.

Falta de alinhamento entre mãe e pai – Uma ideia muito importante a reter prende-se com o alinhamento ou entendimento que é necessário existir entre mãe e pai. O mesmo será dizer que os pais devem conversar entre si, de modo a definir os principais critérios e valores que querem transmitir aos seus filhos, evitando discussões públicas e diferenças no comportamento. De facto, ter um pai que é consumista e uma mãe que é frugal ou «forreta» vai gerar confusão na criança, bem como uma preferência do filho por um dos pais, o que acabará por colocar em risco uma relação saudável com ambos os pais. O mesmo é válido para uma mãe rigorosa e um pai mais relaxado. O seu filho jogará com estas diferenças, manuseando os pais para atingir os seus objetivos.

ESCOLAS E PROFESSORES

As escolas são a segunda casa dos seus filhos. São locais onde eles passam bastante tempo, criando amizades e grupos que possivelmente vão guardar para toda a sua vida. São tão importantes nas vidas deles que não é prudente desprezar a influência que potencialmente têm junto das crianças.

Uma primeira decisão que os pais devem ponderar com grande cuidado é a escolha do estabelecimento de ensino. Esta escolha não deve ser feita de ânimo leve e deve ter em conta, para além de fatores financeiros e de infraestruturas, aspetos como metodologia de ensino académico e de promoção de valores sociais e humanos ou a facilidade de interligação entre os pais e a escola e entre as famílias entre si.

Nunca nos esqueçamos que as nossas crianças não são máquinas indiferenciadas, pelo que temos de as tratar, a cada uma, como únicas em todas as suas dimensões. Assim, é importante ter o cuidado de garantir que o ambiente humano da escola que escolhemos para os nossos filhos se assemelha ao ambiente que idealizámos para os nossos filhos.

Queremos salientar que, apesar de determinada escola poder ser bastante eficiente na preparação dos seus alunos para os exames nacionais, esta dimensão deverá andar par e passo com a preparação moral e o enraizamento de valores humanos. É de valorizar cada vez mais os centros que procuram desenvolver os melhores seres humanos e não apenas os melhores profissionais (nunca esqueçamos que os cérebros da crise que passámos foram desenvolvidos nas melhores escolas de gestão e MBA do mundo).

Tendo escolhido a melhor escola possível, terá de continuar muito presente, procurando participar nas várias reuniões de pais e nas atividades desenvolvidas pela escola (festas periódicas, conferências e palestras de formação e contato regular com a direção de turma, como nos casos das reuniões com encarregados de educação). Adicionalmente, deverá procurar acompanhar o progresso académico do seu filho, de modo a garantir a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos (quer académicos quer morais). Se necessário, converse com os educadores ou os professores para corrigir eventuais problemas ou para definir estratégias de educação e correção de comportamentos errados que observe no seu filho. Em suma, olhe para a escola/colégio/professores como aliados num projeto coerente.

A DECISÃO FINANCEIRA NA ELEIÇÃO DA ESCOLA/COLÉGIO

Muitos pais optam por sacrificar-se no curto prazo para poder permitir o acesso dos filhos às melhores escolas. Esta é uma preocupação muito nobre. Contudo, por vezes, tem riscos associados que não são de desprezar.

A decisão deve passar muito pela análise do orçamento familiar e da adequação da despesa mensal com as reais possibilidades da família. É certo que alguns sacrifícios são comportáveis. certo que alguns sacrifícios são comportáveis.

No entanto, nunca nos esquecemos de vários casos de família que a nós recorrem em situações de perigo financeiro porque não conseguem suportar os custos das suas várias obrigações, onde se incluem os colégios dos filhos.

Sugerimos que veja se é comportável a relação entre o custo (não só individual mas também familiar) e o benefício da inscrição num colégio. Muitas vezes, embora nos custe admitir, acaba por levar a família à ruína financeira.

Ao falar do papel dos professores, que se assume como bastante importante, importa nunca esquecer que eles são pessoas com os mesmos desafios e dificuldades que os demais adultos.

Assim, torna-se essencial que consigam desenvolver competências no domínio financeiro, algo que passa muito pelo apoio das escolas/colégios neste esforço. O que nos parece cada vez mais uma realidade é que os temas de economia doméstica começarão a figurar nos currículos das escolas, pelo que estas terão de criar este tipo de competências o mais rapidamente possível.

OUTROS INTERVENIENTES

Pais, professores e escola devem estar alinhados nos pilares da educação das crianças. Contudo, como sabemos, não são estes os únicos adultos com quem o seu filho se relaciona. Muitas crianças estão inscritas em atividades extracurriculares, como a natação, a música, o ballet, o judo ou o futebol, atividades que são geridas e conduzidas por profissionais que acabam por ter uma grande influência nos seus formandos. Sabemos, ainda, que muitas destas atividades têm um conjunto extenso de regras ou restrições (relativamente ao tabaco, às saídas à noite, aos hábitos alimentares e afins) que podem ser bastante importantes na moldagem do carácter dos nossos filhos. Assim, procuremos conhecer os instrutores e falar com eles, de modo a perceber os seus valores, métodos e prioridades.

Como vimos anteriormente, muitos pais optam por delegar as suas responsabilidades de educação a um conjunto de pessoas: os professores, os avós, os instrutores, os treinadores, etc. Neste contexto, importa ter a noção de que estas pessoas, por melhor intencionadas ou competentes que sejam, podem não ser as melhores pessoas para orientar o seu filho em questões tão importantes como os valores humanos, assuntos espirituais ou assuntos financeiros. Tem obviamente de contar com o apoio delas como reforço do seu papel educativo, mas não deve demitir-se das suas funções. Devem ser os pais a guiar os filhos, especialmente quando se trata de dinheiro, que é um tema tão complexo e estruturante e que exige tanto estudo, conhecimento e reflexão.

Em suma:

- 1.** É fundamental ter uma sólida formação para tomar decisões informadas. Tendo em vista facilitar a convivência com os assuntos financeiros, deve começar a formação desde cedo, num esforço continuado de transmissão de valores humanos fundamentais;
- 2.** É urgente que comece a falar sobre dinheiro em casa, aproveitando o genuíno interesse das crianças por temas novos. A formação por repetição e criação de hábitos facilitará o enraizamento de valores, contribuindo para a transmissão de novos conceitos de sustentabilidade;
- 3.** Os educadores devem desenvolver o otimismo, a humildade e a paciência, um conjunto de características que serão aliadas imprescindíveis no processo educativo, que se revela cada vez mais desafiante;
- 4.** Existem diversos intervenientes no projeto educativo de uma criança, sendo essencial promover o seu alinhamento em torno dos valores que a família quer incutir aos seus filhos. Procure o alinhamento das dinâmicas entre pais, escolas/professores e restantes agentes educativos.

The background is a light gray gradient. A thin, white, curved line starts from the top left and curves downwards towards the bottom right. A small, clear glass sphere is positioned on this line, appearing to rest on it. The sphere is highly reflective, showing highlights and shadows that give it a three-dimensional appearance. The overall aesthetic is clean, modern, and minimalist.

Responsabilizar





Dar o Exemplo e Falar

Atualmente, os pais têm o papel de educadores dificultado com a agressividade das estratégias de marketing das empresas. Lá em casa existem tentações diárias, pelo que valorizamos muito a transmissão de um exemplo de consumo responsável.

Conversamos com as crianças de modo a que percebam a importância da poupança. É importante que lhes peçamos para apagarem as luzes ao sair de uma divisão, ou que lavem os dentes com a torneira fechada, entre outros aspetos. No entanto, parece-me mais relevante que percebam que o seu esforço de poupança irá trazer melhorias na sua vida. Quanto menor o desperdício, mais ganha a família.

No nosso dia-a-dia, ao fazermos as nossas escolhas devemos partilhá-las com os nossos filhos e explicar-lhes o porquê. É importante que percebam que o dinheiro vem do nosso trabalho. Isto reforça a importância de sermos responsáveis, trabalhadores e empenhados nas nossas obrigações.

Por último, é muito importante e ao mesmo tempo gratificante que eles possam lutar para ter as suas fontes de rendimento, como a semanada/mesada. Isso permitir-lhes-á conhecer a noção de poupança e lutar por um objetivo.

Ana Ribeiro Soares

Grupo Jerónimo Martins

Procuramos sempre fugir aos pedidos de redução dos nossos conteúdos a um conjunto de regras de ouro ou truques e dicas. Sempre considerámos que regras de ouro são boas para livros de autoajuda e que os «truques» e «dicas» acabam por desresponsabilizar as pessoas. Na realidade, qualquer caminho no campo financeiro tem de envolver alguma reflexão e um conjunto de propósitos diários de melhoria. Como nos ensinam os cristãos, a vida é feita de quedas, seguidas de recomeços e de novas quedas. O importante é termos o foco na melhoria constante, levantar a cabeça e recomeçar.

Apesar do exposto, acreditamos que existe um conjunto de conhecimentos-base, de ideias e de princípios que, quando devidamente enraizados na nossa atuação, acabam por aumentar a probabilidade de irmos a gozar de uma boa saúde financeira.

INCENTIVO CONSTANTE À POUPANÇA

Os pais são um dos principais motores de transmissão de conhecimentos, de hábitos e de comportamentos aos seus filhos, pelo que é essencial que identifiquem com alguma clareza o conjunto de valores orientadores das suas vidas. Esta identificação será passada através do exemplo e do esforço continuado de vivência de acordo com esses valores, o que é traduzido num conjunto de padrões de consumo coerentes com eles.

Quando falamos de padrões de consumo, temos inevitavelmente de falar sobre hábitos de poupança e sobre a importância que o trabalho assume nas nossas vidas.

CRIAÇÃO DE HÁBITOS DE POUPANÇA

A poupança não deve ser um fim à partida. Na realidade, acreditamos que deve ser o resultado de uma atitude de desprendimento responsável face ao dinheiro.

Naturalmente que o dinheiro é importante e que condiciona as nossas opções. No entanto, em nosso entender, o foco deverá estar não só na valorização que damos aos bens materiais mas também na busca daquilo que é essencial para as nossas vidas.

Como sabemos, o dinheiro é um meio para atingir um conjunto de objetivos e importa não o confundir com um fim em si mesmo. Devemos usar de alguma prudência e acumular algum património para fazer face a imprevistos ou para usufruir de algum bem ou serviço que consideramos necessário. De modo a incutir esta postura, ao dar a semanada ou algum dinheiro avulso ao seu filho, procure que este poupe uma parte desse dinheiro, explicando-lhe as vantagens desse gesto. É fundamental que se centre nas razões para promover a poupança como um objetivo e não procurar impô-la sem sentido. O objetivo será, naturalmente, aumentar o compromisso e o consequente enraizamento deste comportamento nas suas vidas.

Um último ponto que se assume como crucial é este: de nada serve apregoar a poupança aos filhos se os pais a não viverem. Ou seja, nunca se esqueça de que é pelo exemplo que conseguirá motivar os seus filhos.

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO NAS NOSSAS VIDAS

Quando falamos de dinheiro, temos inevitavelmente de falar sobre o trabalho e a sua importância. Qual o pai que nunca foi confrontado com questões como os motivos por que trabalha ou por que tem de ficar a trabalhar até tarde?

Infelizmente, as respostas «doem» um pouco. Todos sabemos que a vida custa a ganhar. Todos desejaríamos não estar dependentes de terceiros para suprir as necessidades financeiras da nossa família. No entanto, sabemos que isso é um privilégio que é reservado a poucos, pelo que temos de ensinar aos nossos filhos, desde cedo, que é importante trabalhar. Poderá aproveitar as inúmeras perguntas das crianças para começar a transmitir o valor do trabalho e o esforço que este envolve. Procure não o fazer de modo negativo (desviando o foco apenas das questões financeiras), mas antes com um sentido construtivo, falando por exemplo sobre:

- O que gosta de fazer;
- O que teve de fazer para chegar onde está;
- O que faz no seu dia-a-dia;
- A importância de ter um emprego, quer pela componente financeira quer pela realização pessoal e profissional que daí advém;
- Os motivos pelos quais há pessoas que não têm emprego.

Podiam ser enumerados muitos outros assuntos. Contudo, a mensagem é simples: o trabalho tem uma determinada importância, que deve ser transmitida e discutida. Se, para umas pessoas, o foco está mais no aspeto financeiro, para outras está mais no desafio ou no prazer que gera. Não interessa a importância que lhe atribui. Aproveite a oportunidade para falar com o seu filho e para perceber as motivações e interesses dele.

VIVER COM O QUE NOS PERTENCE

Sabemos há algum tempo que o recurso constante ao endividamento como modelo de funcionamento da economia tinha de ter um fim dramático. No caso português, os nossos financiadores internacionais decidiram que atingimos o limite e que, portanto, temos de fazer ajustes estruturais (o que, apesar de dramático, deverá trazer-nos de volta ao crescimento).

O desequilíbrio financeiro que fomos criando foi sustentado pela possibilidade de recorrermos ao dinheiro de terceiros para satisfazer as nossas necessidades. Acontece que os empréstimos têm custos associados, custos esses que aumentaram de forma exponencial, ao ponto de se tornarem in comportáveis (levando ao incumprimento dos contratos de crédito por parte de muitas famílias).

Em economia, como em finanças ou como em tudo na vida, ao existirem desequilíbrios, têm de ser resolvidos. Aplicando isto à vida familiar, temos de colocar um forte travão em alguns dos nossos comportamentos de consumo. Temos eventualmente de reduzir alguns dos nossos pequenos prazeres (atenção: não devemos acabar com todos, sob pena de desmotivação e de abandono dos bons propósitos) e questionar-nos quanto à real utilidade dos vários produtos e serviços que compramos.

Em poucas palavras, devemos viver com o que temos e esforçar-nos por acumular património. Nessa altura, como vimos, poderemos ser remunerados em forma de juros e aumentar assim a nossa riqueza.

ASSUMIR A RESPONSABILIDADE E PROCURAR INFORMAÇÃO

Uma das grandes valias da democracia é a possibilidade de decidir aquilo que melhor se adequa às nossas necessidades e desejos. Adquirimos esse direito com o tempo e esperamos preservá-lo para sempre.

Apesar de termos o direito de decidir o que é melhor para nós, nunca devemos esquecer-nos de que os direitos trazem consigo responsabilidades ou deveres. Aliás, não faz sentido que continuemos a pensar (assistimos a muitos discursos políticos nesse sentido) que os direitos não vêm inevitavelmente associados a deveres.

Com esta referência, queremos alertar para a necessidade de assumirmo-nos definitivamente como responsáveis pelas nossas vidas e pelas nossas decisões. Este alerta não é feito, mais uma vez, pela negativa. É positivo que possamos recolher os frutos das nossas decisões, pois sendo decisões enquadradas com uma análise adequada daquilo que mais nos convém, só podem ser boas.

Na realidade, temos de inculcar em nós próprios e nos nossos filhos um nível de exigência claramente superior à exigência que colocamos na escolha dos nossos políticos e dos nossos líderes. Enquanto responsáveis pela nossa família, devemos cultivar elevados padrões de comportamento, que nos permitam atingir os resultados que desejamos. E isso passa por deixarmos de depender do Estado para solucionar os problemas e por procurar toda a informação disponível para tomar decisões informadas.

Somos da opinião de que, na economia atual, existe uma panóplia de informação que está disponível à generalidade das pessoas. Existem fontes que podem ter qualidade e fontes que certamente a não têm. Importa, assim, procurar aconselhamento e procurar fazer uma triagem das pessoas e dos conteúdos que são realmente de qualidade.

No que à educação dos nossos filhos diz respeito, voltamos a dizer que acreditamos que tudo passa pelo exemplo. Devemos liderar pelo exemplo, mostrando que dispomos de elevados padrões de comportamento e que nos preocupamos por aumentar a nossa competência profissional, seja pelo estudo, seja pela leitura ou por outros mecanismos de aperfeiçoamento.

Finalmente, em termos práticos, poderemos evitar a utilização de cartões de crédito ou o hábito de «pedir fiado» na mercearia ou na padaria quando estamos com os nossos filhos. Se tiver de o fazer, não se esqueça de lhe explicar os motivos e de garantir que irá regularizar a dívida rapidamente.

AS REGRAS EXISTEM E DEVEM SER RESPEITADAS E CUMPRIDAS

Gostamos de acautelar o futuro e de prever os acontecimentos. Gostamos de estruturar as nossas vidas com base em premissas de comportamento em sociedade, pois queremos garantir segurança na nossa atuação. Neste contexto, as regras tornam-se fundamentais para permitir alguma previsibilidade às nossas vidas.

Cientes da importância das regras, temos de as reforçar e de garantir o seu respeito e o seu cumprimento rigoroso. E isto é válido tanto em relação aos seus filhos como em relação a si próprio, nunca esquecendo que o exemplo é um dos principais elementos do processo educativo.

Apesar de muitas pessoas afirmarem que as regras têm de ter exceções e que existem para ser quebradas (e mesmo que, em teoria, tal afirmação possa fazer sentido), importa ter o cuidado de aplicá-las, em especial no contexto educativo. Uma má interpretação pode ter um impacto devastador, pelo que é recomendável alguma cautela.

Infelizmente, vemos muitas vezes exemplos reais do incumprimento e da impunidade por parte de algumas pessoas.

O mais grave é que estes exemplos costumam vir dos nossos líderes ou de pessoas conhecidas, o que afeta profundamente a forma de pensar dos cidadãos (ao vermos a impunidade em relação a certos crimes, tendemos a desvalorizar estes crimes, «afrouxando» os nossos padrões morais). É papel dos pais explicar que os erros são naturais mas que devem ser sempre assumidos.

Uma sugestão prática passa pelo esforço dos pais comentarem determinadas notícias que passam na televisão, mostrando que, apesar da impunidade de determinada pessoa, o que aconteceu é errado e merece castigo. E nunca se esqueça de que isto é válido estejamos nós a falar de delitos pequenos ou grandes. De fato, deverá mostrar que um roubo é sempre errado, quer se trate de um euro quer de mil, nunca esquecendo que está a formar uma consciência que se quer rigorosa e moralmente informada.

Em suma:

- 1.** Existe um conjunto de regras e de princípios de atuação que facilitam o sucesso financeiro, apesar de não serem garantias de sucesso;
- 2.** Os pais devem incentivar constantemente a poupança, focando a sua atuação na procura de criar hábitos. A poupança não deve ser vista como um fim à partida mas antes como o resultado de uma atitude de desprendimento responsável face ao dinheiro. Existe um conjunto de regras e de princípios de atuação que facilitam o sucesso financeiro, apesar de não serem garantias de sucesso;
- 3.** A educação pelo exemplo é uma das forças mais poderosas na formação de crianças e jovens.
- 4.** A poupança, quando bem investida, poderá gerar retornos muito interessantes;
- 5.** Existem diversos motivos válidos para não conseguir poupar. No entanto, temos de refletir se não são meras desculpas para nos desresponsabilizarmos e evitarmos encarar o problema de frente;
- 6.** Temos de habituar-nos a viver como o que nos pertence, assumindo uma atitude de responsabilidade. Para tal, temos de procurar recolher toda a informação para tomarmos as decisões que mais se adequam às nossas necessidades e desejos;

7. Os pais devem reforçar sempre que as regras existem e são para ser cumpridas e respeitadas, mesmo quando os exemplos públicos apontam no sentido oposto.

Acompanhar







O Que Aprendi e o Que Ensino

Posso destacar dois grandes ensinamentos que interiorizei dos meus pais:

- É preciso trabalhar para ter dinheiro, razão pela qual comecei a fazê-lo desde muito cedo: aos quinze anos. Apoiava os monitores em colónias de férias para crianças, trabalhando um mês todos os anos, nas férias escolares do verão.

Este sentido de responsabilidade foi muito importante para ganhar consciência e valorizar o dinheiro. Quando queria comprar «extras», pensava duas vezes.

- É fundamental gastar apenas parte do que se tem e quando se tem. Sempre fui habituada a não contar com o dinheiro que não existia. Por essa razão nunca gostei de usar cartões de crédito e sempre gostei de ver a conta poupança a crescer.

Ensinar aos filhos a importância da poupança pode ser um desafio. Neste contexto, procuro utilizar algumas estratégias:

- 1.** Atribuir uma semanada/mesada adequada à idade e identificar exatamente para que serve;
- 2.** Sempre que pedem dinheiro aos pais, definir a forma de amortização;
- 3.** Ter um para colocar as poupanças e, ao fim de algum tempo, colocá-las no banco.

Cristina Galvão

Direção de recursos humanos na Altice

O dinheiro serve para ser gasto ou hoje ou no futuro. É esta a sua função. Sabemos que precisamos de determinados bens que são essenciais para garantir a nossa qualidade de vida, usufruindo depois de determinados luxos ou prazeres que acabam por dar outra «cor» e conforto aos nossos dias. Tudo isto é fundamental para que nos sintamos vivos e para que a vida faça algum sentido para além do trabalho e da casa.

As categorias de despesas que referimos no parágrafo anterior são consideradas de consumo, sendo decisões ponderadas, consistentes no tempo e coerentes com os nossos valores familiares e possibilidades orçamentais.

Cientes da necessidade do consumo, importa nunca esquecermos a linha que o separa do consumismo. Esta linha é, por vezes, bastante ténue. Nas crianças, chega a ser invisível, dada a falta de noção do custo real do dinheiro.

COMO DEFINIR CONSUMISMO?

Sem qualquer carácter formal, podemos chamar consumismo a todo o tipo de gasto supérfluo e em que a sua utilidade/ valor se encontra completamente separada/o do seu preço ou das reais possibilidades da família. Adicionalmente, a frequência do gasto pode também ser um critério de distinção entre o consumo e o consumismo.

Para uma correta educação financeira, devemos começar por distinguir, de forma imediata e clara, dois conceitos que parecem idênticos mas que, na realidade, são bastante distintos: o preço e o valor. Tal distinção, como veremos, terá impactos profundos no processo de tomada de decisão, na medida em que permitirá distinguir entre essencial e supérfluo.

- **Preço** – Aquilo que um agente económico está disposto a pagar por um determinado bem. Uma camisa custa vinte euros, um par de calças custa cinquenta, um automóvel custa quinze mil.
- **Valor** – Utilidade que atribuímos a um determinado bem. Uma camisa ou umas calças que têm determinada durabilidade e conforto. Um automóvel que tem determinado desempenho, fiabilidade e segurança.

Como depreendemos de forma imediata, o conceito de valor apela ao uso real que damos a um determinado objeto ou bem. O preço, por seu turno, tem associada uma realidade muito mais assente não só na disponibilidade ou escassez de um produto mas também nas emoções e nos sentimentos que o produto tem associados. Em poucas palavras, o preço tem uma conotação mais emocional, ao passo que o valor tem conotação mais racional.

Neste exercício de «separação das águas» costumamos fazer referência ao conceito de custo de oportunidade, um conceito muito enraizado nas disciplinas de economia e que se reveste de implicações profundas.

Custo de oportunidade – Custo de uma opção em detrimento de outra. Todas as decisões/opções têm prós e contras (têm vantagens e desvantagens), pelo que importa saber quantificá-las, de modo a melhorar o processo de decisão. Resulta do fato de todos os bens serem escassos, o que obriga as pessoas a tomar opções.

Para melhor compreendermos este ponto, podemos ilustrar com alguns exemplos:

- Ir ao cinema implica não estar com os filhos à conversa no jardim;
- Trabalhar implica não poder passear;
- Estudar hoje para ter boas notas implica não fazer algo mais imediato e divertido, com o potencial de virmos a gerar mais rendimento futuro;
- Comprar uma camisa em vez de uma t-shirt;
- Mudar de emprego para um local com mais benefícios económicos mas menos estabilidade e menos tempo disponível.

Enfim, todas as decisões têm pontos positivos e pontos negativos. E isto é válido não só no que diz respeito ao dinheiro mas também a outras realidades.

Procuo transmitir aos meus filhos que há crianças que não têm as mesmas oportunidades que eles, que passam fome e dificuldades. Infelizmente, tenho de o repetir diversas vezes porque se esquecem. É uma realidade distante...

Joaquim Guimarães

Pai de quatro filhos adolescentes

É fundamental aproveitar as várias oportunidades que surgem no nosso dia-a-dia para transmitir que as coisas caras não são necessariamente melhores que as coisas mais baratas. Importa transmitir que os produtos de marca não são de melhor qualidade ou utilidade apenas porque ostentam um desenho valorizado pela sociedade. O foco deverá estar na procura da verdadeira utilidade das coisas, fazendo uma análise cuidada e agindo de acordo com as conclusões.

Uma sugestão prática passa por incentivar o seu filho (especialmente em idades mais novas) a fazer os presentes para um dos pais, um tio ou um avô. De fato, todos os pais sabem como reagem a presentes feitos pelos seus filhos. Todos gostam e valorizam sobremaneira estes presentes (ficando mesmo «derretidos» com o gesto, por mais «trapalhão» que seja o resultado, desde que o presente tenha sido feito com carinho e cuidado). Assim, devem procurar transmitir que as atitudes é que importam e não tanto o valor material dos presentes.

Tenho medo de não conseguir transmitir à minha filha que o dinheiro não compra tudo.

Joana Pontes

Mãe de uma rapariga de doze anos

A aplicação prática desta sugestão acaba por retirar os presentes do foco principal das comemorações. Na realidade, o que importa são os motivos, os sentimentos, as atitudes, sendo o presente e as despesas vistos como o adereço que realmente é, precíval e facilmente esquecido (recorda-se dos presentes que recebeu no seu aniversário de há dois anos?).

Sabemos que a procura de diversos tipos de prazeres ou a satisfação de necessidades (serão mesmo necessidades?) como a afirmação pessoal e social acabam por resvalar em consumismo. Um conceito muito próximo do consumismo é o conceito de desperdício. Na realidade, o desperdício/consumismo acaba por ser a aquisição de produtos que podem «estragar-nos». Mais uma vez, reforçamos que não estamos a falar dos pequenos prazeres que dão uma «cor» diferente aos nossos dias, mas também reiteramos que as melhores coisas da vida não custam nada.

É certo que todos os pais acabam por saber distinguir com maior ou menor clareza os conceitos de consumo e de consumismo. Assim, sugerimos que foqu e o seu esforço na transmissão de critérios morais ao seu filho, de uma forma clara e sem espaço para confusões. Não apenas com palavras mas, sobretudo, com ações. E nunca esqueça que os desafios são inúmeros (na escola, na rua, na televisão). Os tempos não estão favoráveis aos educadores...

OS PRESENTES E O CONSUMISMO – CRITÉRIOS A ADOTAR QUANDO DÁ PRESENTES

Um primeiro alerta passa pela definição clara de critérios para presentear as crianças. Cada família terá os seus critérios, mas importa defini-los com clareza, procurando garantir que existe um alinhamento entre os dois pais – o que se assume como mais importante no caso de os pais discordarem neste aspeto ou por estarem separados ou divorciados).

Os presentes devem ser utilizados como forma de festejar algum acontecimento ou premiar algum comportamento que os pais sentem ser necessário. Pode ainda utilizar os presentes de forma pontual (com reduzida frequência), pois todos os pais gostam de ver a felicidade nos olhos e as expressões dos seus filhos. O que não é recomendável que aconteça, contudo, é que se banalize a entrega de presentes, sejam de pequeno valor monetário ou de valor mais avultado.

Nunca esqueçamos que o que é mais valorizado pelas crianças nos presentes são as intenções e o carinho que os pais colocam no ato de entrega. São as palavras de encorajamento e a valorização que faz à criança enquanto pessoa. Claro que, em dadas alturas, os presentes mais valiosos acabam por ser preferidos. Contudo, este sentimento é efémero, facilmente esquecido (quais são os pais que não vêm com alguma incredulidade o amontoado de presentes esquecidos no quarto dos seus filhos?)

A reforçar este argumento está um fato inegável e presenciado pela generalidade dos pais. Quem não se recorda da atenção que as crianças dão aos inúmeros presentes que recebem no Natal? Valorizam um brinquedo em especial e relegam os outros para segundo plano, ou brincam com vários durante poucos minutos e depois perdem o interesse.

Combinámos em família que parte dos presentes de Natal e de aniversário dos nossos sobrinhos são depositados numa conta-poupança.

David Nunes

Tio de quatro crianças

O ORÇAMENTO COMO UM CRITÉRIO

Costumamos referir que o orçamento familiar é um critério decisivo quando se fala da entrega de presentes. De fato, é notório que muitos pais querem tanto satisfazer as necessidades dos seus filhos (ou não têm a coragem de dizer que não) que esquecem a razoabilidade do seu impacto no orçamento familiar.

Numa colónia de férias em que participámos recentemente, fizemos um questionário a um grupo de oitenta crianças de oito e nove anos.

Apresentámos um conjunto de questões, entre as quais:

- Quem tem Playstation?
- Quem tem mais de cinco jogos para a Playstation?
- Quem tem telemóvel?

Para grande espanto constatámos que todas as crianças responderam afirmativamente. Especulando um pouco, quem tem Playstation provavelmente tem uma televisão no quarto e quem usa telemóvel tem de pagar as chamadas. Ou seja, a despesa total destas «necessidades» traduz-se, por vezes, em dois ou três meses de salário dos pais destas crianças. Como justificar isto?

Os meus filhos mais velhos estão encarregados de definir e orçamentar um fim-de-semana em família todos os anos. Os pais definem o orçamento e eles têm de decidir o destino e o programa, tendo de considerar os custos associados.

Francisca Matos

Mãe de três filhos adolescentes

A CRIAÇÃO DE NECESSIDADES

Sendo certo que alguma comodidade é desejável, importa ter sempre presente que, em muitos casos, os pais exageram no prazer que querem proporcionar aos seus filhos. O mesmo será dizer que muitos pais acabam por criar um conjunto de necessidades e rotinas que exigem algum investimento.

Recordamo-nos dos pais que, pelos mais variados motivos, têm menos disponibilidade para os seus filhos e acabam por conduzir os mais pequenos a uma convivência precoce com as televisões, os DVD ou as playstations. Ao quererem ocupar os seus filhos, terão que se deparar com duas consequências inevitáveis:

- O isolamento e consequente perda de hábitos de comunicação, já que se tratam de experiências individuais que habitam a criança a viver essa situação sozinha e, regra geral, sem qualquer correspondência ao que a rodeia;
- Custos mais avultados, resultantes do uso destes aparelhos levando a gastos extra no orçamento da família.

Adicionalmente, nunca nos esquecemos de salientar que esta criação de necessidades ou de expectativas acaba por ser bastante penalizadora na visita aos supermercados. Quem não fica horrorizado com algumas birras de crianças em supermercados, solicitando determinado brinquedo? De fato, são muitas vezes os pais a criar uma expectativa errada de que a visita ao supermercado vem acompanhada de um presente ou de uma compra.

O ENVOLVIMENTO DOS AVÓS E DOS TIOS

Um último ponto quando falamos do esforço de promoção da poupança e de definição de critérios no momento de dar presentes passa por um correto diálogo e alinhamento entre os pais e os avós e tios. Na realidade, quando não envolvem de forma eficaz os restantes familiares, os pais sentem uma enorme dificuldade em educar as suas crianças para uma vida regrada e sem grandes excessos.

Com muita regularidade, os filhos recebem presentes dos seus avós e tios, sendo certo que a máxima «os pais educam, os avós deseducam» não surge por acaso. Naturalmente que esta máxima não se aplica a todas as famílias, sendo no entanto de destacar o que está na essência: os avós e os tios querem «mimar» os seus netos e sobrinhos, o que é perfeitamente legítimo e algo a reforçar. Contudo, tem de existir um alinhamento de discursos e de posturas.

Neste contexto, o diálogo dos pais com os tios e os avós é o fator-chave. Quanto mais cedo, melhor. O seu foco deverá passar pela definição de critérios para dar presentes, nomeadamente quanto à sua forma e regularidade. Pode constatar que o seu esforço de chegar a um consenso com os tios e os avós pode gerar algum desconforto ou mesmo alguns confrontos e discussões. É um risco que corre por ser um pai preocupado!

Em suma:

- 1.** A função do dinheiro é facilitar o consumo. Importa nunca confundir consumo com consumismo;
- 2.** Consumo pode ser entendido como uma decisão ponderada e necessária, consistente no tempo e coerente com os seus valores familiares e as suas possibilidades orçamentais;
- 3.** O consumismo é um gasto supérfluo em que a sua utilidade ou valor se encontram completamente separados do seu preço ou das reais possibilidades financeiras da família;
- 4.** Quando falamos de presentes, devemos procurar colocar sempre o foco nos motivos, sentimentos e atitudes e não tanto no seu valor monetário;
- 5.** É necessário definir critérios para o momento de dar presentes sendo certo que os pais criam um conjunto alargado de necessidades aos seus filhos, necessidades essas que acabam por ter fortes impactos no orçamento familiar.



A Semanada e a Mesada

Depois de termos abordado alguns tópicos que consideramos essenciais na educação financeira das crianças e dos jovens, queremos deter-nos por momentos numa das ferramentas mais utilizadas pelos pais para a satisfação das necessidades financeiras dos seus filhos: a semanada ou a mesada.

O tema da mesada costuma estar envolvido em alguma confusão por parte dos pais. Surge muitas vezes a incógnita de qual será a melhor alternativa para a educação financeira dos filhos. Será que devemos dar uma mesada? Será que devemos optar por não a dar, cientes de que neste caso teremos de efetuar entregas pontuais?

Importa considerar que não existe um modelo de educação financeira que seja o mais correto ou vantajoso para todas as famílias. O fundamental é termos a noção de que os pais são os principais atores no processo educativo dos seus filhos. Como pai, tem de procurar a informação necessária para tomar as melhores decisões relativamente ao futuro das suas crianças. Pais informados tomarão decisões melhores, corretas, enquadradas nas suas prioridades e nos valores idealizados para a sua família.

O DINHEIRO TRAZ CONSIGO RESPONSABILIDADE

Como sabemos, existe sempre (e tem de existir) uma relação muito estreita entre a faculdade de decisão e a responsabilidade demonstrada.

Para termos liberdade, temos de comportar-nos como pessoas livres. Ou seja, tomar as decisões mais adequadas e melhores para a satisfação dos nossos interesses últimos.

Este fato assume-se como uma realidade cada vez mais premente quando falamos de dinheiro. Temos de dotar-nos das capacidades para o gerir procurando a satisfação dos nossos interesses e das nossas necessidades, sendo a responsabilidade uma destas capacidades.

Assim, o processo de libertação dos filhos deve ser gradual. Os pais devem estar mais presentes e próximos numa primeira fase e ir conferindo mais liberdade à medida que o seu filho for demonstrando maior responsabilidade e melhores capacidades de decisão. Daí ser importante começar a falar sobre dinheiro desde cedo, procurando com isso uma maior familiarização/habituação com este tema.

Naturalmente que os pais têm de incutir nos seus filhos a capacidade de utilizar o dinheiro de forma responsável, evitando despesas descabidas ou, muitas vezes, imorais. Assim, mesmo conferindo liberdade, terá de garantir que o seu filho cumpra sempre com alguns «mínimos olímpicos». Ou seja, pode ter a necessidade de proibir ou condicionar certas decisões do seu filho.

TRÊS POSTURAS ESSENCIAIS

Não existindo uma opção ideal relativamente ao fato de dar ou não uma mesada ou uma semanada, recomendamos três posturas:

1. Estar presente – Quando falamos de dinheiro ou de qualquer questão que seja relevante para as nossas vidas, não nos podemos esquecer de que os pais são os principais modelos dos filhos (regra geral). Devem por isso estar presentes e servir de guia de comportamento. Apesar de parecer que alguns filhos «não ligam» aos pais, é notório que os pais são exemplo. Estão constantemente a ser avaliados. E isso pode ser utilizado como uma ferramenta muito poderosa na sua orientação;

2. Aconselhar – Uma consequência da presença dos pais é a possibilidade de aconselhamento. Deverá procurar não só estar presente mas mostrar também disponibilidade para falar e aconselhar de forma natural as melhores opções;

3. Incentivar a poupança – Os pais sabem o que o dinheiro custa a ganhar. Sabem as dificuldades que têm de ultrapassar para garantir que nada falta em casa, o que muitas vezes leva a ter menos disponibilidade para a família (algo naturalmente custoso). Costuma existir uma preocupação constante quanto ao futuro, o que leva os pais a procurar poupar (mesmo que não consigam fazê-lo). Assim, ao dar dinheiro aos seus filhos, seja em forma de mesada seja através de entregas pontuais, deverá incentivar a poupança, mostrando as vantagens que esta pode ter. Para facilitar, existem as contas de aforro jovem ou os mealheiros, de que falaremos de seguida.

QUAL O MELHOR MODELO A ADOTAR?

Como referimos anteriormente, acreditamos que não existe um é que exista uma coerência entre as prioridades e os comportamentos na família. Dito isto, no contexto da educação financeira, podemos considerar a alternativa da mesada ou da semanada como um modelo poderoso para induzir comportamentos e atitudes. Em termos práticos, podemos distinguir algumas valências da mesada enquanto ferramenta educativa.

DAR OPÇÕES

A atribuição de um determinado montante financeiro ao seu filho irá forçá-lo a tomar opções. Quem tem um rendimento profissional habituou-se a ter de decidir o destino a dar ao seu dinheiro. Tendo um montante para utilizar, tem de optar pelo consumo ou pela poupança e, dentro de cada categoria, tem de escolher as várias alternativas que melhor satisfazem os seus interesses.

Ao dar ao seu filho um montante para gerir, está a expô-lo às mesmas decisões com que se confronta no dia-a-dia, apesar de o fazer a um nível bastante mais rudimentar ou simples. Com alguma indicação e aconselhamento, conseguirá que o seu filho vá melhorando a sua relação com o dinheiro e com tudo o que este traz associado, contribuindo para a criação de critérios de escolha que levam, inevitavelmente, ao crescimento.

«Mesmo tendo dinheiro, antes de comprar, devemos sempre perguntar-nos: «eu preciso mesmo disto?».

CLáudia Macedo

Mãe de três crianças

POR EM PRÁTICA A RESTRIÇÃO

A mesada assume-se como um modelo poderoso para fomentar opções quando traz consigo uma restrição à vida financeira das crianças. De fato, existem pais que optam por dar somas avultadas de mesada aos seus filhos, o que lhes garante que têm tudo o que desejam, sem terem de sacrificar-se por isso.

A sugestão que fazemos passa por definir um valor de mesada mais baixo do que o necessário para suportar todas as despesas do seu filho. Naturalmente que não queremos que lhe falte o essencial. Contudo, se refletirmos com alguma cautela, há uma clara diferença entre o que pode parecer essencial e aquilo que realmente o é (note-se mais uma vez que não estamos a criticar os pequenos prazeres). Este exercício é importante para o seu filho conseguir gerir duma forma mais racional o dinheiro disponível, fazendo face a eventuais situações no futuro e distinguindo-se entre aquilo que é essencial e prioritário e aquilo que pode ser mais secundário ou mesmo supérfluo.

CUIDADOS A TER

Na eventualidade de optar por uma mesada ou por uma semanada enquanto ferramenta educativa, sugerimos:

1. Negoeie o valor – O valor atribuído mensalmente (ou semanalmente) deverá ser negociado com a criança, de modo a garantir envolvimento e a mostrar que se preocupa com as suas necessidades e estilo de vida. Naturalmente que isto não implica que aceite as suas reivindicações, mas antes que o envolva no processo de decisão, o que fomenta claramente a sua aceitação da decisão. Este valor deverá estar enquadrado com as necessidades da criança, seja para a compra dos lanches no bar da escola, seja para a caderneta de autocolantes, seja para a aquisição de uma peça deroupa menos necessária. Nunca se esqueça que o valor está dependente da idade e das características específicas da vida do seu filho.

2. A mesada/semanada é um bônus, não é um direito –

Os pais não são obrigados a dar dinheiro aos filhos, apesar de muitos se sentirem nessa obrigação (por vezes por pressão dos próprios filhos). Deverá ter sempre a preocupação de mostrar às crianças que dá o dinheiro porque quer que elas possam ter alguns prazeres pequenos ou satisfazer algumas das suas necessidades. Contudo, não deve cair no erro de atuar como se a mesada fosse um direito, pois, nesse caso, estará a criar uma dependência perigosa e a sujeitar-se a críticas e a discussões contraproducentes.

3. Não use a mesada/semanada para pagar tarefas ou recompensar boas notas –

Todas as pessoas têm um conjunto de obrigações, deveres e direitos enquanto membros de uma família. Todas têm de contribuir para o crescimento da família e de cada um dos seus membros. Tendo todos deveres, esses deveres não deverão ser fomentados pela atribuição de uma recompensa financeira. Alguns pais optam por dar algum prémio como recompensa por alguma tarefa ou pelas boas notas. Apesar de compreendermos a tentação que representa, temos de alertar para o fato de isso ser perigoso. Relações financeiras acontecem fora da família, nas empresas ou nos negócios. As relações familiares devem ser protegidas desta realidade, pois importa alertar mais uma vez para o fato de todos termos deveres enquanto membros de uma família.

4. Ajude a construir um orçamento –

Como referimos anteriormente, os pais devem estar presentes e aconselhar. No contexto da mesada, sugerimos que apoie o seu filho na construção de um orçamento (naturalmente que mais rudimentar do que o utilizado na gestão do orçamento familiar, de acordo com o exposto no segundo capítulo). Acompanhe e aconselhe o seu filho com regularidade, até ele demonstrar claramente que já não necessita do seu apoio.

5. Não disponibilize mais dinheiro do que o acordado –

A mesada/semanada tem um elevado poder educativo ao obrigar a tomar opções. Esta tomada de opções é possível pela restrição que o orçamento comporta. Logo, se o seu filho gasta o dinheiro todo sem planear, ou se faz uma despesa que foge ao orçamento, deve lidar com as consequências das suas decisões tal como acontece na vida real. Temos a capacidade de decidir mas temos, também, que responsabilizar-nos pelas decisões tomadas. Um donativo adicional desvirtua esta ferramenta. Na pior das hipóteses, se tiver mesmo que dar mais dinheiro, faça um adiantamento da mesada do mês seguinte mas atribua uma penalidade (por exemplo, mediante a aplicação de um juro), explicando-lhe os motivos e fazendo o paralelismo com a vida real (pode falar dos juros bancários).

SEMANADA OU MESADA?

Apesar de termos anteriormente usado os conceitos de semana e de mesada como se de uma mesma realidade se tratassem, queremos abordar agora o assunto da recorrência ou periodicidade das entregas de dinheiro.

Como os próprios nomes indicam, a semana consiste em entregas semanais e a mesada em entregas mensais. O critério de escolha entre uma ou outra periodicidade prende-se com o nível de maturidade do seu filho. Sabemos que, quanto mais novas, maiores as dificuldades que as crianças têm em controlar e em gerir o seu dinheiro. Será mais difícil planear as despesas se o hiato temporal for mais dilatado.

COMO DEFINIR A IDADE A PARTIR DA QUAL PODEMOS DILATAR O HIATO?

Contrariamente ao que é aceite, acreditamos que não existe um padrão. A resposta à pergunta é influenciada pela maturidade que o seu filho demonstra (ou não demonstra). Como pai, saberá interpretar os sinais de que o seu filho começa a ter a responsabilidade para a tomada de opções, pelo que lhe cabe a si definir a periodicidade. Deverá começar pela semana e ir controlando as decisões e percebendo o nível de acerto ou de dificuldade que o seu filho demonstra. De seguida, poderá passar para um modelo quinzenal, acabando finalmente na mesada.

E SE O MEU MODELO NÃO PASSAR PELA MESADA/SEMANADA?

Caso opte por não atribuir uma mesada, confrontar-se-á com pedidos regulares de dinheiro, seja para a cafetaria da escola, seja para os cinemas ou os jantares. Não tendo um trabalho, o seu filho tem contudo uma vida social que os pais podem e devem fomentar de forma ativa. E isso passa também por uma ajuda financeira. Importa destacar duas ideias nucleares:

- Procurar justificação para o dinheiro que o seu filho lhe pede – Dar dinheiro significa que está a possibilitar a tomada de opções. Neste contexto, tem de saber a utilização que o seu filho lhe dará. Será que a despesa faz sentido? Quais os critérios utilizados? Cada família tem os seus critérios e prioridades. Assim, tem de aproveitar as várias situações do dia-a-dia para os inculcar/transmitir aos seus filhos.
- Controlar mensalmente o valor atribuído – Muitos pequenos pedidos semanais acabam por representar um bolo grande no final do mês.

Deste modo, os pais devem controlar o total do dinheiro dado aos seus filhos de modo a garantir que não dão uma quantidade exagerada. Não esqueça que devemos procurar que os nossos filhos tenham conforto, mas sem experimentarem demasiado facilitismo.

COMO LIDAR COM AS DECISÕES DOS PAIS DOS AMIGOS DOS MEUS FILHOS?

Quem tem filhos sabe a constante pressão que sofre para nivelar o seu comportamento com o dos pais dos amigos dos filhos. Habitua-se a ser comparado, não gostando de ser apelidado de «chato» ou de «castrador».

Esta comparação não é por acaso. Naturalmente que os filhos a vão utilizar quando quiserem obter alguma coisa dos pais. Usarão um pouco a componente social como argumento para os convencerem de que estão corretos. Afinal, se os outros fazem, qual a razão para os meus pais o não fazerem também?

Para se precaver deste fenómeno (poderoso) de comparação e evitar alguma discussão que possa surgir entretanto, sugerimos o seguinte:

- **Tome decisões informadas e coerentes** – As suas decisões enquanto pai não devem envolver os argumentos «porque sim» ou «porque não». Tem de saber com clareza os motivos pelos quais toma determinada decisão e fundamentar bem a sua posição. Deverá procurar decisões informadas e agir em coerência. Nesta decisão, poderá optar ainda por consultar o seu filho, de modo a envolvê-lo no processo de decisão. Mesmo que seja um «pró-forma», o fato deste se sentir envolvido e considerado irá reforçar a sua adesão ao modelo escolhido;

- **Explique os seus motivos** – Depois de definir a sua prioridade educativa, deverá explicar os motivos que estiveram na origem da decisão. Esta explicação será facilitada no caso de envolver a criança na decisão (tal como foi visto anteriormente) e deverá evoluir com o seu crescimento. Sabemos que, quanto mais velhos os filhos, maior a necessidade de justificar as decisões.
- **Seja perseverante** – Haja ou não haja discussão relativamente às suas opções, se tomou uma decisão informada e coerente com as prioridades da sua família, seja perseverante. Independentemente de a sua opção agradar ou não ao seu filho, e por mais que lhe custe, terá de viver com ela. Com o tempo, a criança acabará por se conformar e, eventualmente, por perceber a sua opção. No final, acabará por agradecer o amor e o carinho que colocou nesta relação.

Em suma:

1. Não existe um modelo de educação financeira mais acertado do que o outro. O mais importante é considerar que os pais são os principais atores neste processo e que sabem o melhor caminho a seguir;
2. Quando falamos de dinheiro temos de falar de responsabilidade. Ao dar dinheiro ao seu filho, seja através de semanada seja através de mesada, procure estar presente, aconselhar e incentivar constantemente a poupança;
3. A semanada/mesada permite o fomento de opções, ao expor as crianças à restrição. Caso opte por este modelo, procure negociar o valor atribuído, adequando-o à realidade do seu filho. Mostre que o dinheiro que lhe dá não é um direito mas antes uma opção dos pais. Evite utilizar a mesada para pagar tarefas ou recompensar boas notas, não dando mais dinheiro do que o previamente acordado.
4. Se o seu modelo não passar pela semanada/mesada, procure uma justificação para o dinheiro que o seu filho lhe pede, fazendo o controlo mensal do valor entregue;

5. Ciente de que a pressão social é forte, ao optar informada e coerentemente por um modelo, explique os motivos ao seu filho e seja perseverante. São os pais que educam os filhos, e não o contrário.



O Envolvimento dos Filhos no Esforço de Poupança

ESTRATÉGIAS PRÁTICAS

Um orçamento implica a participação e o envolvimento de toda a família e não é por não terem um rendimento que os filhos devem ser excluídos. Estará a reforçar a importância das opções.

Não se martirize por não dar ao seu filho tudo aquilo que ele quer, porque estará a criar um futuro adulto que será responsável e financeiramente saudável na relação com o dinheiro.

O ponto de partida é explicar de onde vem o dinheiro e que este não é infinito. Converse com os seus filhos e explique-lhes que, para ganhar dinheiro, têm de trabalhar. Com os mais novos, o melhor mesmo é exemplificar. Por isso, se alguma vez tiver oportunidade leve-o à KidZania. É um parque temático familiar onde as crianças podem exercer várias profissões e receber em troca Kidzos (moeda oficial desta cidade de brincar).

Caso não tenha essa possibilidade, pode sempre optar por jogos como o monopólio ou mesmo «dar-lhes» cinco euros no supermercado e pedir-lhes para comprarem algumas coisas que tem na lista.

Por fim, faça com os seus filhos um mealheiro com um recipiente mais ou menos transparente, para que possam ver o dinheiro crescer. Serve para incentivá-los a poupar.

Bárbara Barroso

Jornalista

Quando pensamos na educação financeira das crianças, pensamos não só nos conhecimentos que são transmitidos aos nossos filhos, mas também na sua faculdade de criar hábitos diários. Ao falarmos destes hábitos, nunca nos esquecemos de que a reciclagem entrou em casa pela mão dos filhos que, ao serem estimulados nesse sentido pelas escolas, acabaram por gerar comportamentos no mesmo sentido junto dos seus pais.

O potencial mobilizador dos nossos filhos, aliado à sua curiosidade e à sua ambição, deve ser aproveitado nos esforços de poupança em casa. Neste contexto, sugerimos que procure um constante envolvimento dos seus filhos, o qual deve começar com o diálogo e prosseguir mediante o desenvolvimento de estratégias de promoção da poupança.

REGRA NÚMERO 1: O PRIMEIRO MODELO DAS CRIANÇAS SÃO OS PAIS

Na realidade, o modelo principal dos filhos são os pais e estes devem sempre ser os primeiros a dar o exemplo, pelo que deve ter em conta este princípio importante antes de implementar qualquer medida. Os pais caem em descrédito quando não agem de acordo com aquilo que pedem ou sugerem, e muito dificilmente os filhos farão o que lhes é pedido.

Lembre-se que estes exercícios têm um objetivo pedagógico e é aconselhável que sejam explicados antes ou à medida que vão sendo aplicados. Faça sempre estas atividades em conjunto com os seus filhos, dando-lhes a sua atenção exclusiva e divirta--se com eles.

POUPAR NOS SERVIÇOS UTILITÁRIOS DOMÉSTICOS

As faturas dos serviços utilitários domésticos, tais como a água, a luz ou o gás, são muito pesadas para a generalidade das famílias portuguesas. Adicionalmente, são focos de desperdício pela má utilização que fazemos destes recursos, que é tanto maior quanto maior for o número de filhos em casa. O motivo é simples: todos sabemos a despreocupação das nossas crianças em deixar as luzes acesas, em tomar banhos demorados, em usar shampoo ou gel de banho sem qualquer tipo de contenção. Estes são apenas alguns exemplos de desperdícios, mas não podemos esquecer que não podemos exigir às crianças que tenham a maturidade de um adulto relativamente a estas questões. No entanto, podemos usar uma estratégia simples, que passa por dois passos:

1. Quando chegar a conta da água ou da luz, aproveite a oportunidade para falar sobre a dimensão da despesa e sobre formas de a reduzir. Não perca a oportunidade de pedir ao seu filho sugestões de redução. Dê-lhe o leme e a autonomia para participar ativamente nesta redução. Verá que os resultados o surpreenderão.
2. Estabeleça metas de redução dessas despesas, definindo um prémio simbólico (mas razoável) para premiar o sucesso. Se tiver mais de um filho, encarregue cada um de um dos serviços.

A conclusão do processo passa por atribuir o referido prémio quando vier a conta seguinte. Na realidade, a nossa experiência demonstra-nos que esta estratégia acaba por resultar num esforço continuado, por parte dos filhos, em reduzir estas despesas: passam a estar mais atentos às luzes (que antes ficavam ligadas pela casa por tempo incerto), tomam banhos menos demorados, fecham a torneira quando lavam os dentes, entre muitas outras coisas. Adicionalmente, os pais ficam mais calmos, ao deixarem de estar sempre a pedir aos filhos que tenham mais atenção à poupança.

Alguns exemplos:

Água: Habitue os seus filhos a poupar quando usa água nas seguintes situações:

- Os banhos intermináveis – Quando os seus filhos começarem a tomar banho sozinhos, pode usar um cronómetro ou um relógio de cozinha que, ao fim de x minutos (dependendo da idade do seu filho), toca e lembra ao seu filho que está na hora de acabar o banho. Pode não resultar nas primeiras vezes, mas em pouco tempo esse hábito será adquirido.
- O Lavar as mãos e dentes com a água a correr – Fala-se muito nos dias que correm que 1 minuto de água a correr equivale a 12 litros de água desperdiçada. Lembre isso aos seus filhos e habitue-os a desligar a torneira quando não estiverem a utilizar a água.

Eletricidade: Incentive e lembre os seus filhos a desligar as luzes quando sai de uma divisão. Bem como a desligar computadores, televisões, etc, quando não os está a usar.

POUPAR NO SUPERMERCADO

Um campo onde também podemos facilmente contar com o apoio das crianças prende-se com as visitas ao supermercado. Muitas pessoas consideram que é errado levar as crianças às compras. Uma vez que as crianças são os alvos preferidos de muitas campanhas de marketing, podem (a todo o momento) tentar persuadi-lo a comprar bens supérfluos e vencê-lo pelo cansaço. Daqui poderá advir uma conta final muito mais avultada do que a que tinha previsto inicialmente. Apesar disto, acreditamos que as visitas a estas «catedrais do consumo» podem ser ótimas fontes de educação, especialmente se for considerada a sua vertente prática. Assim, sugerimos as seguintes etapas:

- Converse previamente com os seus filhos, de modo a definir claramente o propósito da visita ao supermercado. Aproveite para vincar a importância da elaboração de uma lista de compras e a conseqüente orçamentação.
- Defina os limites de despesa, de modo a impor a necessidade de opção (o que se traduzirá num esforço de comparação de preços).
- No momento de visitar o supermercado, inclua os seus filhos no processo de comparação de preços (nunca se esqueça de transmitir que o que importa é o valor unitário e não o valor por caixa). Adicionalmente, pode encarregar um dos seus filhos de apontar a despesa, para controlo na hora de pagar.
- Finalmente, o momento do pagamento deverá ser utilizado para reforçar a importância das opções, da orçamentação e da dificuldade que temos em suportar custos sucessivos, em especial alguns caprichos.

Por vezes, o meu filho pede-me insistentemente para comprar um brinquedo no supermercado. Nessas alturas, mostro que, para comprar o brinquedo, temos de retirar do carrinho de compras os iogurtes, os cereais e o sumo, pois não temos dinheiro para tudo. Assim, forço-o a perceber que tem de tomar opções.

No outro dia a minha filha pediu-me uma boneca no supermercado. Disse-lhe que podíamos comprá-la mas ficaríamos uma semana sem jantar. Fui bruta, mas ela percebeu...

Anónimo

PEQUENAS MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS

Uma importante ajuda neste esforço de poupança em casa (que tem grandes repercussões na união familiar) passa muito por ter «mais chão». Ou seja, como referido anteriormente, muitos pais acabam por «abandonar» os seus filhos aos televisores, computadores, playstations e afins. Não que não seja salutar alguma utilização, mas o que é em excesso acaba por prejudicar não só a própria criança como também as próprias relações familiares.

Sugerimos ainda outras mudanças comportamentais que pode facilmente adotar para a sua família:

COMBATER O DESPERDÍCIO ALIMENTAR

É através deste tipo de desperdício que é mais fácil introduzir noções básicas e práticas de poupança e combate ao desperdício junto das crianças.

Frases como «há crianças que não têm nada para comer» ou «há crianças que vão para a cama com fome» podem parecer ineficazes já que, geralmente, as crianças tendem a rebater estes argumentos. No entanto, no caso desta situação aplica-se o mesmo princípio da implementação das regras na educação já que o grande truque está na repetição. Ao contrário do que parece, as crianças interiorizam este tipo de mensagens e, quando menos esperamos, relacionam esta realidade e repetem-nas entre os seus pares.

Como introduzir este princípio na prática?

- Não enchendo muito o prato de cada vez que alguém se serve;
- Incentivando para que todos acabem todos os alimentos que têm no prato;
- Aproveitando as sobras para fazer novas refeições ou transformando-as;
- Ajudando os seus filhos a compreender que não só a comida, como o dinheiro, não caem do céu, e que há muitos meninos que passam fome e não têm o que comer.

COMBATER O DESPERDÍCIO DE BENS MATERIAIS

Salvo algumas exceções, quase todas as casas têm objetos e materiais e que não são usados e que, uma vez que muitas famílias não têm muitas possibilidades de os adquirir, poderão ser reaproveitadas. Para combater o desperdício de bens materiais em casa – e em simultâneo permitir que o seu filho desenvolva virtudes preciosas como a generosidade, a empatia com quem tem menos e a sobriedade – damos alguns exemplos abaixo, sendo que com imaginação e de acordo com a realidade da sua família, poderá encontrar muitas outras formas de combater o desperdício.

BRINQUEDOS

Vivemos numa era em que a competitividade no mercado dos brinquedos é muito grande, permitindo assim que se comprem todo o tipo de brinquedos a preços cada vez mais acessíveis. Muitas crianças recebem uma grande quantidade de brinquedos nos anos, no Natal e mesmo ao longo do ano. Esta situação cria um excesso de brinquedos a que a criança dificilmente conseguirá dar a devida atenção.

Como introduzir este princípio na prática?

- Fazendo sazonalmente uma limpeza de brinquedos que não se usem;
- Oferecer brinquedos que os seus filhos não usem e que estejam em bom estado a instituições ou paróquias;
- Caso sejam oferecidos brinquedos em excesso nos anos ou no Natal, guardar alguns e ir gerindo o stock ao longo do ano de forma a não dar tudo de uma vez.

TELEMÓVEIS, COMPUTADORES, TABLETS E AFINS

Antes de decidir dar um telemóvel, ou um computador ou um tablet ao seu filho, reflita bem sobre o tipo de utilização que espera que ele faça desse aparelho. Não se trata do facto do seu filho ter idade ou não para saber mexer ou divertir-se com estes gadgets, porque as crianças praticamente nascem a saber manusear estes aparelhos. No contexto que falamos, entendemos telemóvel enquanto objeto utilitário e não puramente lúdico.

Como introduzir este princípio na prática?

- Se o seu filho já tiver idade suficiente para ter um telemóvel então explique-lhe que não tem que ser um iphone ou um topo de gama. Basta ser um telemóvel com um preço razoável e com as funcionalidades necessárias; r brinquedos que os seus filhos não usem e que estejam em bom estado a instituições ou paróquias;
- No caso de querer oferecer um computador ou um tablet ou outro tipo de dispositivo ao seu filho, comece por pensar na utilidade desse aparelho. Pondere a sua utilidade face à idade do seu filho e ao tipo de utilização que irá fazer. Como boa alternativa, poderá usar um único aparelho partilhado por toda a família e criar algumas regras de utilização antes de dar acesso ao mesmo.

MATERIAL ESCOLAR

Aqui também se aplica o princípio da utilidade. Vivemos numa era em que a publicidade atrai quem tem poder de compra (os pais) e quem ainda não o tem (os filhos que ainda não trabalham). Sendo que os pais são aqueles que têm o poder de compra, os filhos não o têm, mas têm um grande poder de persuasão (seja argumentativo ou pura e simplesmente vencendo pelo cansaço).

Como introduzir este princípio na prática?

- Antecipe os pedidos «extra» ou os gastos excessivos com materiais iguais na utilidade, mas superiores no preço. Dê a alternativa ao seu filho de personalizar os materiais em vez de comprar tudo já feito apenas e só porque os amigos também têm.

ROUPA

A roupa serve para ser usada e não para ser guardada para sempre. Partilhe, venda ou dê a outros.

Como introduzir este princípio na prática?

- Crie uma rede de partilha de roupa usada e em bom estado com familiares ou amigos de confiança. Assim, pode reutilizar roupas boas e poupar na aquisição das mesmas;
- Faça uso de lojas de roupa usada em bom estado (como o kid to kid) ou de grupos na internet ou Facebook de venda e compra de roupa usada em bom estado;
- Faça uma revisão sazonal das roupas em bom estado que já não usam e dê a instituições de solidariedade social.

Quando chego a casa, dedico sempre os primeiros cinco a dez minutos (depois de cumprimentar a minha mulher) a brincar com as minhas duas filhas gémeas. Vamos para o quarto e elas saltam e pulam em cima de mim até que se cansam e regressam às suas brincadeiras. Gosto particularmente de brincar aos médicos, o que me permite ficar deitado no chão sem ter de fazer muita coisa.

Diogo Santos

Pai de duas gémeas, de quatro anos

Para além destes exemplos, sugerimos que acima de tudo procure dedicar um pouco mais de tempo a brincar com os seus filhos com as coisas mais básicas: bonecos, carros... Faça-o no jardim ou no chão e sem tecnologias. Sabemos que os filhos valorizam muito o tempo que passam com os pais, especialmente quando são mais novos. Assim, temos de aproveitar para desenvolver atividades que promovam o divertimento familiar proporcionando atenção exclusiva para os seus filhos e sem distrações por parte dos pais (trabalho, telemóveis, jogos, entre outros). Verá que ao tomar estas medidas, as mesmas resultarão imediatamente numa maior união entre todos e numa maior harmonia familiar.

Em suma:

- 1.** Cientes de que a reciclagem entrou em casa através dos nossos filhos, podemos aproveitar os seus estímulos para introduzir alterações comportamentais em casa. Apresentámos algumas estratégias para o seu envolvimento no esforço de poupança, nos serviços utilitários e no supermercado;
- 2.** Uma pequena mudança comportamental pode passar por procurar dedicar mais tempo a algumas brincadeiras com o seu filho. Com bonecos ou carros... No jardim ou no chão, sem tecnologias. É fundamental que saibamos que os filhos valorizam muito o tempo que passam com os seus pais, especialmente quando são mais novos.



A Carreira dos Filhos

«DE PEQUENINO SE TORCE O PEPINO»

É cada vez mais difícil inculcar nas pessoas o respeito pelos outros e o espírito de ajuda. É algo que se inculca aos filhos desde pequenos: o respeito pelo tempo e pelo espaço dos outros que se traduzirá no respeito pelo seu tempo e pelo seu espaço.

Daqui decorre também uma maior atenção aos outros naquilo que têm de diferente, tanto do ponto de vista do «ser» como do «necessitar» o que resulta numa maior consciência de que uma família é um conjunto de elementos diferentes mas complementares.

Se esta mensagem for posta em prática desde muito cedo, será naturalmente transposta como regra em todas as atitudes que vierem a ser adotadas ao longo da vida, tornando os nossos filhos cidadãos atentos e participativos num bem comum.

No voluntariado, cada um aprende a dar o melhor de si para os outros:

O voluntariado é um lugar único de possibilidade de dar o melhor de si, sem esquemas mentais, sem estratégias, dar só porque sim. Lugar das trocas gratuitas no qual cada um de nós cresce, porque «há muito mais alegria em dar do que em receber », porque dar põe-nos numa «lógica de copo cheio», cheia de bons sentimentos, bons momentos, que não têm outra finalidade senão transbordar!

Isabel Jonet

Presidente do Banco Alimentar Contra a Fome

Qualquer pai tem sonhos e expectativas para o futuro dos seus filhos. Sejam ideias profissionais, sejam sonhos quanto à carreira ou à profissão, todos temos um certo grau de ambição relativamente ao sucesso das nossas crianças. Sendo esta uma realidade incontornável, apesar de tentarmos interferir, importa considerar algumas ideias. É o que vamos ver neste capítulo.

O RESPEITO PELA LIBERDADE

Devemos respeitar sempre as opções profissionais dos nossos filhos, apesar de poder haver momentos em que estamos convictos de que podem não estar a tomar as melhores decisões. Temos de controlar um pouco o nosso espírito protetor, o que não quer dizer que não procuremos aconselhar da melhor forma possível.

Cada criança é única, o que implica que cada uma tem os seus gostos e preferências, as suas ambições e diferentes fatos que a realizam. Estamos todos em busca de uma mesma coisa, apesar de não parecer: todos queremos ser felizes. Daí que queiramos seguir os caminhos profissionais que acreditamos que podem trazer mais sentido às nossas vidas.

Não podemos esquecer que errar neste processo é algo perfeitamente normal. Podemos escolher uma carreira ou um curso de que não gostamos. Podemos sempre querer mudar de rumo. Nunca esqueçamos de que existem poucas decisões que não são irreversíveis. É um fato que podemos perder alguns anos, mas mais vale isso do que perder a vida em algo que não nos realiza. Em poucas palavras, temos de encontrar a nossa vocação pessoal e profissional, e o caminho será certamente mais seguro se os filhos sentirem os pais ao seu lado.

UM BOM EXEMPLO PROFISSIONAL

Como referimos anteriormente, as crianças olham para os pais como exemplos e modelos a seguir (regra geral). Assim, a forma como olhamos a nossa carreira e como encaramos o nosso trabalho no dia-a-dia acaba por ser, também ela, um modelo para as nossas crianças.

Neste sentido, acreditamos que o sucesso passa muito por olharmos o trabalho com bons olhos (sem que estejamos sempre a queixar-nos), e por passar uma boa imagem dele, apesar dos problemas que possamos atravessar. Procuremos mostrar que o trabalho é algo bom e que pode e deve realizar-nos: é algo essencial para que sejamos pessoas completas e felizes. Mostre também que o dinheiro resultante do trabalho é muito importante mas não deve ser o único fator de escolha entre dois empregos. Não se esqueça de que uma visão positiva do trabalho incutirá no seu filho um maior desejo em seguir os seus objetivos e um maior esforço por estudar para conseguir entrar no curso que ele quer.

INCENTIVAR AO ESTUDO

Nunca é demais alertar os nossos filhos para a importância de estudar. Aliás, certamente que todos os pais já ouviram esta recomendação. No entanto, ao falarmos em estudar, não estamos a querer dizer que todas as crianças devem tirar cursos superiores e mestrados. Se é certo que existem estudos a demonstrar a relação positiva entre o nível académico e o rendimento do trabalho, menos certo não é que a sociedade necessita de profissionais para além dos doutores e dos engenheiros.

Existem diversos cursos técnico-profissionais que podem enquadrar-se na perfeição com as ambições e o perfil do seu filho. Como sabemos, estes cursos nada têm de desprestigiante.

Antes pelo contrário: permitem o acesso a profissões nobres, muito úteis e algumas com elevado rendimento associado. Aliás, acreditamos que qualquer profissão bem executada é sempre necessária, útil e nobre.

Ao falarmos de estudo, estamos também a abranger a aprendizagem de línguas ou de outras competências não diretamente relacionadas com determinada função técnica. Assim, nos dias que correm, cada vez mais pessoas optam por estudar. Inglês, Espanhol, Mandarim e Alemão, ao passo que outras seguem o estudo de teatro ou de comunicação. As competências extracurriculares assumem-se, cada vez mais, como fatores diferenciadores tanto no início como no desenvolvimento da nossa carreira.

Finalmente, se pararmos para pensar um pouco, a lei do mercado e as relações entre a oferta e a procura funcionam muito bem quando falamos do fator trabalho. Infelizmente, muitas crianças, mal aconselhadas ou ignorando esta realidade, optaram por cursos que já na altura não tinham qualquer mercado (Arquitetura ou Direito são dois exemplos disso). O resultado pode ser ou o desemprego, ou empregos remunerados muito abaixo das expectativas ou mesmo abaixo de outros empregos tidos por menos prestigiantes.

Em suma, cabe aos pais orientar os seus filhos e apoiá-los na escolha das melhores alternativas de educação, conciliando a vertente instrumental do ensino (maiores competências e, teoricamente, maior rendimento) com a vertente vocacional da criança.

INCENTIVAR À VIDA SOCIAL

Sendo importante incentivar o estudo numa ou em várias das suas vertentes, é também fundamental o desenvolvimento de competências sociais e o desenvolvimento do carácter. Uma vida social equilibrada permitirá aos filhos a identificação com um grupo (que os protegerá da incerteza, apesar de trazer consigo riscos que importa acautelar), e o desenvolvimento de um conjunto de competências, tais como a exposição de ideias e a persuasão, a generosidade, o companheirismo e a responsabilidade.

Cientes dos perigos da vida social em idade precoce, é decisivo que mantenha um acompanhamento proporcional ao nível de responsabilidade que o seu filho demonstra. Deverá começar com um controlo apertado e ir «afrouxando a guarda» à medida que for tendo provas de que a sua confiança é merecida.

Um último ponto neste contexto: procuremos conhecer os amigos dos nossos filhos e, se possível, as suas famílias. Para tal, pode assumir a postura de ter a casa aberta aos amigos dos seus filhos. Por vezes, isto pode significar algum trabalho acrescido. Contudo, permitirá conhecer as companhias dos seus filhos e dar-se a conhecer.

Não sendo fundamental conhecer as famílias dos amigos dos seus filhos, tal conhecimento dá-lhe, no entanto, uma indicação do nível de atenção e de controlo que tem de exercer, ao conhecer os valores pelos quais se regem essas famílias. Nunca deve esquecer-se da célebre frase: «diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és».

INCENTIVAR AO VOLUNTARIADO

A valorização do voluntariado tem aumentado ao longo dos últimos anos, quer falemos da componente profissional – onde se procura um estágio ou outra oportunidade para aprender um ofício – quer falemos na componente humana – onde o foco está no desenvolvimento do carácter e de um conjunto de valores humanos, num ambiente social acolhedor e voltado para o humanismo.

Pela grande importância individual e social que tem, os pais devem incentivar os seus filhos a praticar voluntariado, ajudando-os mesmo a escolher uma instituição a quem possam dedicar parte do seu tempo. Em alternativa (especialmente quando são mais novos), os pais podem levar os seus filhos nas suas próprias atividades de voluntariado. Sabem que, através dessa ocupação, os seus filhos podem desenvolver-se como pessoas e tornar-se adultos mais íntegros.

Alertamos que a postura deve ser de gratuidade e de disponibilidade. O voluntário é-o para entregar-se, na esperança de poder com isso mudar alguma coisa na sociedade. Na realidade, os filhos, cientes de que recebem muito dos seus pais e da sociedade, já vão procurando estas atividades de entrega gratuita. Felizmente, a consciência social das nossas crianças e dos nossos jovens tem crescido com o tempo.

Olhando apenas para a componente instrumental, as empresas valorizam cada vez mais as pessoas que se dedicam aos outros. Isto porque procuram pessoas únicas, com valores humanos e com a disponibilidade de entrega gratuita a causas nobres. Por outro lado, a generalidade daqueles que são ou foram voluntários tem a perfeita noção de que o voluntário recebe muito mais do que aquilo que dá. Aprende e cresce muito. Fica diferente. E as empresas que-rem pessoas diferentes!

Em suma:

- 1.** Os pais querem orientar os seus filhos, correndo o risco de assumir um grande protagonismo na definição da sua carreira. Neste processo, recomendamos um grande respeito pela liberdade deles e a tentativa de ir ao encontro dos seus sonhos e das suas preferências;
- 2.** Os pais devem procurar ser um bom exemplo profissional, transmitindo que o trabalho é algo bom e gratificante, mesmo que por vezes custe;
- 3.** Deverá incentivar o estudo, quer falemos de questões académicas quer tenhamos em vista o desenvolvimento de competências linguísticas, artísticas ou outras;
- 4.** A vida social e o voluntariado são outro pilar essencial que os pais devem incentivar: vida social equilibrada de modo a desenvolverem competências sociais e o seu carácter e voluntariado, o qual permite uma experiência de entrega gratuita, facilitadora do enraizamento de um conjunto de valores humanos essenciais a uma sociedade mais justa.



O Investimento da Poupança

GERIR AS POUPANÇAS DAS CRIANÇAS

Gerir as poupanças dos filhos até à sua maioridade não é a maior das responsabilidades de um pai. Ainda assim, pode ter um impacto significativo no bem-estar dos filhos no futuro, por exemplo através da possibilidade de investir na educação ou de ajudar na compra da sua casa. Neste contexto, desde cedo defini um plano estável e sistemático para aplicar as contribuições de avós, tios, primos e pais.

Investir as poupanças para prazos longos (cerca de vinte anos) confere a grande vantagem de retirar a pressão do lucro de curto prazo e, desta forma, fazer aquilo que realmente faz sentido.

O plano e as regras que defini para aplicar as poupanças da minha filha resumem-se na simplicidade dos seguintes pontos:

1. Criar um plano de investimento com reforços frequentes, neste caso, trimestralmente;

2. Investir em ativos com risco para procurar obter maiores níveis de retorno. À medida que o tempo passa, diminuir o risco da carteira;
2. Escolher com muita atenção aquilo em que invisto para não pagar comissões ou impostos em excesso.

Os resultados, até hoje, são animadores, mas a minha filha ainda só tem dois anos, pelo que o caminho ainda é longo.

Luís Miguel Alvarenga

Gestor de Fundos de Investimento.

Tendo falado da necessidade de poupar e de criar hábitos de poupança para suprir um conjunto de necessidades (previstas ou imprevistas), importa determo-nos um pouco na importância prática da poupança.

Como sabemos, ao gastarmos menos do que ganhamos acabamos por acumular algum capital financeiro que poderá ser utilizado no futuro. Não só temos este potencial de reserva de valor, como temos também a possibilidade de investir o dinheiro acumulado em contas que nos rendem juros, aumentando assim o valor do nosso património.

OS JUROS COMPOSTOS

O capital financeiro acumulado, ao ser investido, renderá juros. Assumindo o vencimento de um depósito, os juros transformam-se também eles em capital. Este pode ser reinvestido, gerando juros acrescidos, num efeito que vai sendo continuamente reforçado.

Quando tocamos este ponto, costumamos ser confrontados com argumentos que apontam a dificuldade, real, que muitas famílias têm em conseguir poupar o que quer que seja.

QUAIS OS MOTIVOS PELOS QUAIS AS PESSOAS NÃO CONSEGUEM POUPAR?

Ao analisar os problemas envolvidos na questão formulada, podemos constatar que existe não só uma noção errada do que é a poupança mas também uma reduzida disciplina e priorização da poupança.

Em primeiro lugar, importa clarificar o que significa ao certo poupar. Todos temos uma ideia do que é poupar. Contudo, quando falamos em poupança, depreendemos que muitos a consideram como uma grande acumulação de capital para consumo no futuro.

Sendo certo que esta grande acumulação é poupança, também é certo que, ao deixar de consumir hoje algo que custa nem que seja um euro, e ao colocar esse dinheiro numa conta independente, já estará a constituir uma poupança. Neste sentido (e como poderá ver sugerido mais adiante), procure falar com o seu filho da possibilidade de acumular algum dinheiro, seja numa conta bancária seja no mealheiro.

Em segundo lugar, existe uma reduzida disciplina e uma dificuldade enorme de considerar a poupança como algo prioritário. Embora pareça uma teoria, este ponto assume-se como algo bastante relevante. Nas várias formações que desenvolvemos, constatamos que a generalidade das pessoas que consegue poupar fá-lo ao considerar a poupança como algo prioritário. Sendo prioritário, logo que existe dinheiro disponível para o efeito (normalmente quando se recebe o salário), este é imediatamente encaminhado para uma conta-poupança. Esta poupança é feita de forma automática e sem a intervenção direta da pessoa. Assim, muitos acabam por se esquecer que poupam (de notar que falamos de pessoas com rendimentos próximos do salário mínimo nacional!). A mensagem é simples: temos de assumir claramente que somos nós quem comanda a nossa vida e as nossas finanças, pelo que devemos assumir-nos como responsáveis de fato.

No que toca à responsabilização e à promoção da poupança, devemos considerar primeiramente que tendemos a responsabilizar os outros pelos nossos problemas financeiros. No contexto das nossas formações, constatamos que a generalidade dos nossos formandos aponta como causas dos seus problemas financeiros:

- O divórcio – Implica uma redução substancial do rendimento, ao mesmo tempo que as despesas se mantêm;
- A doença – Com as conseqüentes reduções do rendimento e o aumento das despesas com tratamentos;
- O desemprego – Devido aos seus impactos ao nível da queda do rendimento familiar;
- Os contratos de fiança – Implica um aumento significativo do nível de despesas da família;
- O desconhecimento;

- Ajuda a familiares, um motivo que tem vindo a ser crescente nos últimos anos.

Como podemos constatar, a generalidade das causas dos problemas identificadas tendem a ser fatores externos. Fará sentido? Ou faz mais sentido olhar o binómio deveres/direitos a partir de outro prisma?

Gosto da poupança do tipo «chuva molha tolos». Nem damos conta mas, ao fim de algum tempo, estamos todos encharcados. Poupando desta forma, nem nos apercebemos que estamos a fazê-lo, e quando damos conta já acumulámos um património muito interessante.

João

GERIR AS POUPANÇAS DAS CRIANÇAS

A poupança para os filhos, seja para o ensino seja para qualquer outro fim, costuma ser uma preocupação de muitos pais com quem nos cruzamos diariamente. Podemos dizer que é algo que resulta fundamentalmente da educação e de uma postura providente dos pais. Detenhamo-nos um pouco em cada um dos argumentos referidos.

Em primeiro lugar, é notório que muitos adultos ainda se recordam dos exemplos práticos e dos ensinamentos dos seus pais ou avós. Culturalmente, sabemos que as gerações que nos precederam tinham uma postura de maior conservadorismo/previdência, viviam menos preocupados com os bens materiais (que também eram mais escassos, de sorte que não existiam tantas solicitações de consumo) e foram ensinados a viver com o que lhes pertencia. Assim, como referido anteriormente, foram-nos sendo transmitidos hábitos de poupança que, pelos mais variados motivos, fomos esquecendo.

Em segundo lugar, todos os pais querem assegurar um futuro confortável aos seus filhos. Todos querem garantir que a sua descendência tenha boas condições de vida, procurando muitas vezes superar as faltas que sentiram quando foram crianças. Assim, é natural a constituição de poupanças para custear o ensino universitário, para a compra do primeiro automóvel ou pagamento da carta de condução, ou simplesmente para a viagem de finalistas..

OS MEALHEIROS

A utilização de mealheiros tem voltado ao quotidiano da generalidade das famílias, após ter caído em desuso durante bastante tempo. De fato, todos sabemos a importância da máxima «grão a grão enche a galinha o papo» e contamos com inúmeros exemplos de famílias que usam esta ferramenta para acumular algum dinheiro para determinado objetivo. Algumas ideias de formandos com quem nos cruzámos são estas:

- 1.** Depositar um euro por dia para o pagamento das férias de verão;
- 2.** Colocar um mealheiro perto da máquina de café onde se coloque a diferença do custo do café em casa e do café na pastelaria;
- 3.** Depositar todas as moedas pretas ao chegar a casa e pagar um jantar em família no final do trimestre.

Se os adultos voltaram ao hábito da utilização do mealheiro, também é notório o crescimento da sua utilização por parte das crianças. Seja por incentivo dos pais, seja pela sensibilização nas escolas, seja pela crescente oferta dos negócios associados à crise (como a venda de mealheiros, por exemplo), o certo é que esta ferramenta tem grande utilidade como instrumento de educação financeira, sendo de destacar:

- O incentivo à poupança regular e a consequente criação de hábitos;

- A familiarização dos mais novos com moedas e notas de diferente tamanho e valor;
- O fomento da definição de objetivos e o esforço por os atingir.

Nunca se esqueça de ajudar o seu filho na definição de objetivos e de o incentivar no esforço consequente. De fato, as tentações de consumo serão bastantes e variadas, pelo que o seu papel passa muito pela motivação. Imagine que o seu filho quer comprar uma bicicleta de setenta e cinco euros. Pode combinar com ele que, se conseguir juntar por exemplo sessenta euros, os pais dão os restantes quinze como prémio pelo esforço.

Finalmente, sugerimos que, ao invés de comprar um mealheiro, o construa com o seu filho. Para tal, poderá utilizar uma garrafa de água transparente ou outro recipiente que considere adequado.

Costumo dar moedas à minha filha e peço-lhe para repetir o seu valor à medida que as vai colocando no mealheiro. Ao fim de uns meses já não precisava da minha ajuda, pois já as tinha decorado todas.

João Silva

Pai de uma rapariga de quatro anos.

AS CONTAS DE AFORRO JOVEM

Como sabemos, todas as pessoas podem ter acesso a uma conta bancária. No caso dos adultos é mais fácil, bastando cumprir um conjunto de requisitos em termos de documentação. Os menores de idade, por seu turno, necessitam de um representante legal. Apesar de algumas funcionalidades lhes estarem vedadas (como o caso do crédito, por exemplo), as suas potencialidades são ainda assim elevadas.

DICA: As contas bancárias para jovens têm muitas restrições no que toca à poupança. Infelizmente o regulador considera que as crianças não podem investir em produtos com risco, ignorando as leis mais elementares da rentabilização do dinheiro. Assim, talvez faça sentido subscrever uma conta em nome de um dos pais e assim ter a liberdade para investir o dinheiro do seu filho. Tenha também em consideração que muitas vezes o retorno dos depósitos a prazo para crianças é inferior ao praticado nas contas de adultos.

No caso concreto da promoção do aforro, foram sendo criadas diversas alternativas com o intuito de captar em forma de produtos de poupança/investimento as poupanças das crianças. Na realidade, muitos pais, tios ou avós passam a ter disponível uma conta bancária onde podem depositar os seus presentes com a regularidade desejada (a conta bancária pode e deve ser utilizada como forma de presentear as crianças, em detrimento de alguns presentes que acabam por se estragar ou ser mesmo ignorados ao final de uns dias).

Nunca deve esquecer que é desde cedo que começam a criar-se hábitos e a enraizar-se comportamentos.

Tenho o hábito de, no final de cada mês, visitar o sítio do banco para mostrar à minha filha a evolução da sua conta poupança. Fica toda contente ao ver o dinheiro a crescer sozinho.

Joana Pontes

Mãe de uma rapariga de doze anos

O IMPACTO DOS JUROS

Ao referirmos o desconhecimento relativo sobre o potencial dos juros, estamos a constatar uma dura realidade. De fato, somos muitas vezes confrontados com um argumento para a ausência de poupança: os juros são muito baixos. Muitos acham que os juros dos depósitos ou de outras aplicações são bastante reduzidos. Apesar de isto poder ser correto em alguns casos, importa considerar que os juros de aplicações «sem risco» têm sempre de ser baixos (se não forem, é caso para desconfiar). Nunca nos podemos esquecer, sob pena de fortes prejuízos, que a relação entre o risco e o retorno tem de verificar-se sempre.

Na realidade, ao considerarmos os depósitos a prazo ou depósitos semelhantes para as poupanças de longo prazo dos nossos filhos, estamos a proporcionar a acumulação de capital e o receção de um juro adequado ao risco. Se quisermos maior retorno, temos outro tipo de produtos disponíveis.

Um segundo argumento, não menos importante, alerta-nos para a necessidade de considerar o impacto dos juros compostos, isto é, o rendimento dos juros que recebemos nos anos anteriores, criando um movimento exponencial que foi apelidado por Einstein como «uma das forças mais poderosas do universo».

Vários autores em finanças pessoais apontam o esforço continuado de poupança e de investimento como o único caminho para o verdadeiro sucesso financeiro, muito devido ao impacto dos juros.

O juro é a remuneração do dinheiro. Ao pedirmos dinheiro emprestado iremos pagar um juro pela possibilidade de usarmos o dinheiro que não temos hoje mas que precisamos. Por outro lado, se temos uma poupança podemos emprestar esse dinheiro a terceiros e receber com isso um juro. O juro é determinado tendo em conta diversos fatores que não iremos aqui abordar, mas é fundamental que percebamos o impacto de recebermos juros sobre os juros que já recebemos anteriormente.

Imagine que tem uma poupança de €1.000 e que dispõe de um produto que lhe remunera o seu dinheiro com uma taxa de 10% ao ano (usamos esta taxa para simplificar e tornar mais visível este impacto). Se aplicarmos uma taxa de juro simples, iremos receber sempre €100 de juros por ano. Por outro lado, se considerarmos o juro composto, teremos:

Ano	Capital Inicial	Juros	Capital Final	Taxa de juro
1	€ 1 000	€ 100	€ 1 100	10,0%
2	€ 1 100	€ 110	€ 1 210	11,0%
3	€ 1 210	€ 121	€ 1 331	12,1%
4	€ 1 331	€ 133	€ 1 464	13,3%
5	€ 1 464	€ 146	€ 1 611	14,6%
6	€ 1 611	€ 161	€ 1 772	16,1%
7	€ 1 772	€ 177	€ 1 949	17,7%
8	€ 1 949	€ 195	€ 2 144	19,5%
9	€ 2 144	€ 214	€ 2 358	21,4%
10	€ 2 358	€ 236	€ 2 594	23,6%

Repare que uma taxa de 10% ao ano, no final de 10 anos transforma-se numa taxa de juro de 23,6% ao ano, simplesmente pelo efeito do rendimento sobre os juros já recebidos. Neste exemplo ignoramos o impacto da tributação mas na realidade se escolher um produto financeiro menos eficiente fiscalmente irá ter de suportar uma taxa de imposto considerável.

Podemos sempre defender que para a generalidade das famílias portuguesas é bastante complicado poupar para o dia- -a-dia, pelo que é impossível a poupança para os filhos. Se é um fato que a poupança está ameaçada em Portugal, também é verdade que podemos procurar encontrar alternativas e que temos de proceder a uma verdadeira mudança de paradigma, especialmente no que diz respeito à educação moral e financeira das nossas crianças.

OS SEGUROS DE CAPITALIZAÇÃO

Não pretendemos aprofundar as várias alternativas de aforro ou de investimento por parte das famílias. Contudo, não podemos deixar de referir os seguros de capitalização (ou *Unit Linked*, como são muitas vezes apelidados) como uma ótima alternativa no que toca às poupanças.

Os seguros de capitalização são produtos que estão disponíveis para subscrição nos balcões dos diversos bancos e intermediários financeiros. Constituem-se como apólices de seguros que não cobrem qualquer risco, mas que se constituem como um produto de investimento que é geralmente de tipologia «capital garantido» (podendo ainda garantir uma taxa de retorno anual).

Em sentido lato e de forma pouco técnica, poderíamos compará-los com depósitos a prazo. No entanto, existem duas grandes diferenças, que em investimentos de médio/longo prazo acabam por se fazer sentir em força: a tributação vantajosa.

Taxa de imposto

De fato, a tributação dos rendimentos de capital é de 28% (por exemplo, nos depósitos a prazo) dependendo a tributação dos seguros de capitalização do prazo de investimento:

- Inferior a cinco anos – 28 %;
- Entre cinco e oito anos – 22.4 %;
- Mais de oito anos – 11.2 %. O juro é a remuneração do dinheiro.

Momento da tributação

Se subscrever um depósito a prazo com renovação anual irá suportar o pagamento do imposto todos os anos. O imposto de 28% é-lhe retido na fonte. No entanto, se fizer o seu investimento por intermédio de um seguro financeiro irá pagar o imposto apenas no momento do resgate do produto. Logo, se mantiver o investimento por 8 ou mais anos só ao final desse prazo é que terá de entregar o imposto (significa assim que tem uma maior quantidade de capital investido, a gerar juros sobre juros).

DICA: Mesmo que tenha um perfil avesso ao risco pode fazer sentido não subscrever uma aplicação de capital garantido mas antes optar por um produto com algum risco. Sendo uma poupança para o seu filho tem muito tempo para rentabilizar o dinheiro.

A NECESSIDADE DE MUDAR DE PARADIGMA

Sempre que falamos da importância das contas de aforro jovem, temos inevitavelmente de fazer referência à grande necessidade de mudança de paradigma no que diz respeito à entrega de presentes às crianças.

Como temos vindo a alertar, o incentivo continuado à poupança acaba por ser uma das principais mensagens na educação das crianças. Gostamos de dar ao dinheiro o valor que tem realmente. Nem mais, nem menos. E a poupança, ao constituir-se como o adiamento de decisões de consumo, acaba por refletir uma preocupação nobre relativamente ao consumo.

Em suma:

- 1.** Muitos pais consideram prioritária a constituição de poupanças para os seus filhos. Existem diversas alternativas, tais como as contas de aforro jovem ou os seguros de capitalização (estes últimos com maiores vantagens fiscais). Existem outras alternativas, que deverá procurar conhecer;
- 2.** Os mealheiros voltaram ao quotidiano da generalidade das famílias, muito na lógica da poupança tipo «chuva molha tolos»;



Conclusão

O projeto educativo é um projeto único e cheio de desafios. Quem educa sabe que esta tarefa é complicada mas altamente gratificante, ao possibilitar de forma inequívoca o desenvolvimento de um ser único, com uma consciência própria e com uma essência única.

Infelizmente, os dias que atravessamos dificultam sobremaneira esta tarefa aos pais. Por diversos motivos, somos constantemente confrontados com verdadeiros atentados ao ser humano. A sociedade perdeu muitos dos seus referenciais, num relativismo que é visto como progressista mas que, de fato, acaba por minar a sociedade a partir de dentro.

Torna-se tarefa dos pais transmitir que nem tudo é correto ou aceitável, apesar de ser aceite pela maioria. É sua tarefa servir de referência, numa sociedade que já perdeu as suas referências. Terá de servir de «porto seguro» numa sociedade que vandaliza a família, as amizades e o trabalho, reduzindo as pessoas a meros números, se não mesmo, por vezes, a animais (perdoe o leitor a frontalidade).

Como pai, tem de garantir a tranquilidade na sua casa, de modo a que os seus filhos se possam desenvolver com toda a segurança. Isto potenciará todos os seus valores e características, num ambiente de liberdade (por contraponto à libertinagem).

Defendemos o otimismo. Já passámos por diversas crises e sempre foi possível superar os desafios que nos foram colocados. É possível «levar o barco a bom porto», sendo fundamental uma grande união familiar em torno de um projeto educativo sólido e coerente. Escrevia o meu pai, no seu livro «Educação e Liberdade»¹, que o processo educativo é um processo que envolve sempre duas partes que se influenciam e contribuem para o crescimento uma da outra. O educador troca de papel com o educando, num movimento contínuo. Assim, devemos sempre esforçar-nos por aprender e melhorar – por crescer em conjunto.

Neste livro, procurámos contribuir um pouco para a discussão em torno de um tema que se revela cada vez mais basilar na nossa sociedade. Mas desejamos que a literacia financeira seja vista como algo bastante mais profundo do que simplesmente falar sobre dinheiro. É certo que importa dominar vários conceitos financeiros. Contudo, sabemos que a realidade «dinheiro» tem algo de transcendente. Como nos escreveu a Laurinda Alves, envolve a emoção, os objetivos de vida, os valores humanos, o amor-próprio, os afetos e tantas outras variáveis que importa serem debatidas. Esquecer esta complementaridade é esquecer que o ser-humano é um ser diferente. Um ser que necessita de algo mais do que de bens materiais e de afirmação pessoal para se sentir bem na sua pele. Negar isso é reduzir o humano à sua componente mais básica. Este reducionismo foi um dos grandes responsáveis por termos chegado, no mundo desenvolvido, ao atual estado de crise.

Mas não se resumirá esta crise a uma crise de valores e de prioridades? Ou não será esta crise o resultado da crise e do ataque às famílias?

¹ Morais Barbosa, João, *Educação e liberdade*, Fomento Família, 1987, Lisboa.



Posfácio

Longo é o caminho através de regras e normas; curto e eficaz através do exemplo.

(Séneca, 4 AC-65)

Família, Escola, Empresa: o mesmo combate!

(Yves Bonnet, 1935-...)

«*Como ensinar os meus filhos a poupar*» é um livro serenamente didáctico e impressionantemente sugestivo. Os seus autores, em linguagem simples e próxima, proporcionam-nos um itinerário, tão prudente quanto claro, da relação dos mais novos com o dinheiro. Ou, como escreve, da sua educação financeira.

Costuma-se dizer que o dinheiro não tem cor. Mas todos concordaremos que tem idade. Ou idades, como se ilustra e aconselha nesta obra.

Perpassa por todo o livro, a primazia dos valores e dos princípios éticos e comportamentais. Por outras palavras, a necessidade de o ser não ser amordaçado pelo ter..

O estádio superior da liberdade é a responsabilidade. E isto é tão mais adequado quanto falamos da educação dos mais jovens, seja no seu seio natural – a família – seja na escola ou nas comunidades capilares de vizinhos e amigos. No fundo, trata-se de alicerçar uma sólida e exemplar redistribuição etária de conhecimentos e de sabedoria, uma harmoniosa e congruente sintonia entre os direitos e os deveres, e de exprimir, em plenitude, a afirmação do poder-dever dos pais educadores. Foi assim que entendi toda a economia do livro.

Outro aspecto primordial do que os autores nos transmitem relaciona-se com o dilema (também ético) da escolha. Porque escolher implica também renunciar, a sua face simétrica que, nos dias de hoje, se tende a esquecer ou ignorar. Dito de maneira diferente, uma expressão de assumida austeridade, essa palavra hoje tão maldita e deturpada face ao seu mais genuíno significado. Aquilo a que, numa linguagem mais tecnocrática, se chama custo de oportunidade, como se diz, aliás, no livro.

Os autores salientam os aspectos, não apenas económicos e financeiros, da crise por que se passa, como igualmente as razões de natureza axiológica e moral que contribuíram para a erosão da responsabilidade.

De facto, parte significativa da crise resulta de alguns factores que são mais de natureza comportamental das organizações e das famílias. Como, por exemplo, a diluição da fronteira ética entre o bem e o mal, a obsessiva lógica de curto-prazo que ignora ou, pelo menos, desvaloriza as questões mais geracionais e estruturantes, o «*doping*» e a ilusão do endividamento e a consequente desconsideração da poupança, os excessos de «*inovação financeira*» (troca de dinheiro por dinheiro) e de desregulação. Ou a perversão de se considerarem as pessoas tão-só como instrumentais e não como sujeitos e fins.

Saliento o fenómeno avassalador do endividamento. Dos Estados, das empresas, do sistema bancário, das famílias. Da apologia sem limites do crédito fácil, do «compra hoje e paga mais tarde», do endividamento, por dá cá aquela palha, desde o essencial ao mais escusado e fútil bem ou serviço. Quando tudo se baseia no endividamento, geram-se fenómenos enviesados de desresponsabilização, de impunidade e de «risco moral». Mas, sobretudo, alimenta-se um atroz egoísmo geracional, como que deixando para as próximas gerações o pagamento dos encargos de hoje

Perdeu-se a ideia do aforro. Poupar significa consumir menos no presente de maneira a poder consumir mais no futuro. Uma forma eloquente de austeridade.

Diz a sabedoria chinesa que crise significa perigo, mas também oportunidade. Por isso, devemos dela extrair, também, lições para o futuro. A pensar sobretudo nos nossos filhos e netos.

Dêem-se as voltas que se derem, não há «soluções técnicas» para «défices éticos». Sob pena de recidivas cada vez mais dolorosas...

É preciso reaprender a lição de que é necessário voltar à essência, a discernir a utilidade da futilidade, a dar valor à poupança e à ideia de esforço e perseverança traduzidos na tão sugestiva imagem do mealhinho que transportamos desde a infância.

É necessário separar o trigo do joio nos nossos investimentos e a olhar para além da ilusão do dia seguinte.

É importante e urgente que as crianças e jovens de hoje vejam nos seus progenitores a autoridade do exemplo e a semente da educação integral. Sem tentações de facilitismo ilusório, precocidade injustificada e permissividade atrofiadora. Com a capacidade de entender os sinais dos tempos e a evolução da sociedade, mas ensinando as virtudes da prudência, integridade, sensatez, decência e mérito. Com esperança e optimismo, como bem vinca o autor.

Em boa hora, os autores deram à estampa este seu novo livro. Lê-lo atenta e dedicadamente é uma forma sã de respeito pelo espírito de autenticidade e de bem público com que o escreveram.

Lisboa, Novembro de 2013

António Bagão Félix

(Por decisão pessoal, este texto não segue o novo Acordo Ortográfico)

Índice

Introdução	6
FORMAR E INFORMAR	10
Promovendo a tomada de opções	16
O que é e para que serve um orçamento familiar	17
O orçamento para crianças a partir dos cinco/seis anos	19
O orçamento para crianças a partir dos dez anos	20
O orçamento para crianças a partir dos quinze anos	22
O orçamento em sintonia com todos	23

Os Perigos da Iliteracia Financeira	27
Por que é importante a educação financeira das crianças?	31
Diálogo entre marido e mulher	32
Introduzir o tema junto dos filhos	33
As crianças também educam os adultos	34
Por que é tão importante uma correta formação financeira dos pais?	34
A necessária interligação entre os vários agentes educativos	36
Os pais são os atores principais	36
Escolas e professores	38
A decisão financeira na eleição da escola/colégio	39
Outros intervenientes	40
RESPONSABILIZAR	42
Incentivo constante à poupança	47
Criação de hábitos de poupança .	47
A importância do trabalho nas nossas vidas	48
Viver com o que nos pertence	49
Assumir a responsabilidade e procurar informação	50
As regras existem e devem ser respeitadas e cumpridas	51
ACOMPANHAR	54
Como definir consumismo?	59
Os presentes e o consumismo – critérios a adotar quando dá presentes	62

O orçamento como um critério	64
A criação de necessidades	65
O envolvimento dos avós e dos tios	65
A Semanada e a Mesada	67
O dinheiro traz consigo responsabilidade	68
Três posturas essenciais	69
Qual o melhor modelo a adotar?	70
Dar opções	70
Cuidados a ter	71
Semanada ou mesada?	71
Como definir a idade a partir da qual podemos dilatar o hiato?	73
E se o meu modelo não passar pela mesada/semanada?	74
Como lidar com as decisões dos pais dos amigos dos meus filhos?	74
O Envolvimento dos Filhos no Esforço de Poupança	78
Estratégias práticas	78
Regra número 1: o primeiro modelo das crianças são os pais	81
Poupar nos serviços utilitários domésticos	81
Poupar no supermercado	83
Pequenas mudanças comportamentais	84
Combater o desperdício alimentar	84
Combater o desperdício de bens materiais	85
Brinquedos	86
Telemóveis, computadores, tablets e afins	86

Material escolar	87
Roupa	87
A Carreira dos Filhos	91
O respeito pela liberdade	93
Um bom exemplo profissional	94
Incentivar ao estudo	94
Incentivar à vida social	95
Incentivar o Voluntariado	96
O investimento da poupança	99
Os juros compostos	101
Quais os motivos pelos quais as pessoas não conseguem poupar?	101
Gerir as poupanças das crianças	103
Os mealheiros	104
As contas de aforro jovem	105
O impacto dos juros	107
Os seguros de capitalização	109
A necessidade de mudar de paradigma	110
Conclusão	111
Posfácio	114
Índice	119

